**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**
**ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA**
**DEPARTAMENTO DE TURISMO**

LUANA MANAMI SENDA

# **A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA JAPONESA NO CONSUMO DE FESTIVAIS E EVENTOS TURÍSTICOS:** UM ESTUDO DE CASO DO "JAPAN FEST"

**OURO PRETO**
2024

LUANA MANAMI SENDA

# **A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA JAPONESA NO CONSUMO DE FESTIVAIS E EVENTOS TURÍSTICOS:** UM ESTUDO DE CASO DO "JAPAN FEST"

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Turismo pelo Departamento de Turismo – UFOP

Orientadora: Prof. Dra. Luana Melo e Silva

**OURO PRETO**

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S474m Senda, Luana Manami.
A mercantilização da cultura japonesa no consumo de festivais e eventos turísticos [manuscrito]: um estudo de caso do "Japan Fest". / Luana Manami Senda. - 2024.
72 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Luana Melo e Silva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Cultura. 2. Identidade (Psicologia). 3. Nihon Keizai Shinbunsha. I. Silva, Luana Melo e. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48:304.4

Bibliotecário(a) Responsável: Michelle Karina Assunção Costa - SIAPE: 1.894.964

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Luana Manami Senda**

Mercantilização da cultura japonesa no consumo de festivais e eventos turísticos: Um estudo de caso da Japan Fest

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Turismo

Aprovada em 08 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Dra - Luana Melo e Silva - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra - Alissandra Nazareth de Carvalho (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra - Carolina Lescura - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Luana Melo e Silva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 12/07/2024

Documento assinado eletronicamente por **Luana Melo e Silva**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/07/2024, às 19:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0737183** e o código CRC **32310E6C**.



R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: 3135591447 - www.ufop.br

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus-Parens e Oyassama, pois sem as providências e orações eu não estaria aqui neste mundo tendo forças para seguir em frente em busca deste sonho e desta conquista.

Agradeço a minha mãe Marisa, meu pai Tadashi, minhas irmãs Tomomi, Ayumi, Mutsumi e meu irmão Toshikazu por todo o amor, carinho, apoio e incentivo que recebi durante toda essa etapa de minha vida acadêmica. Agradeço também ao *Itiretsukai* do *Dendotyo* do Brasil pela oportunidade oferecida a mim em ter um diploma de ensino superior e viver a vida universitária em outra cidade e estado.

Agradeço a meus sobrinhos Yuna e Jin por me mostrarem um amor diferente e tão forte durante uma fase tão difícil que foi a pandemia da Covid-19 e me deu esperanças em seguir meus sonhos.

Agradeço a minhas amizades de Marília, Sam, Renata, Amanda e Julia que vibraram por mim e comigo em todas as minhas conquistas e também me apoiaram em momentos difíceis.

Agradeço a República Quase Sem Querer que me abrigou e foi meu lar de Ouro Preto quando mais precisava de apoio e a todas as mulheres da casa que tive contato e já vivi junto, principalmente às minhas irmãs de coração, Júlia e Marília.

Agradeço a Ana Paula, Giovanna, Greice e Maíra pela irmandade e pela troca linda de vivência durante toda essa experiência universitária dentro e fora dos estudos. Também agradeço a Carolina, Lorena, Rafael e todos os amigos que fiz ao longo da graduação que tornaram tudo mais leve.

Agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino público, gratuito e de qualidade, além das tão importantes experiências de visitas técnicas que só foram possíveis pelo incentivo à educação, e aos professores do DETUR por todo o conhecimento adquirido. Agradeço também a Completur Jr. e ao Enatur por todo o aprendizado profissional e a todos os colegas que persistiram mesmo durante a pandemia. Agradeço ao Prof Dr. Marcos Knupp por todo aprendizado e paciência durante o período de Iniciação Científica e acreditou em meu potencial como pesquisadora. Agradeço também à minha banca examinadora, a Prof Dra. Carolina Lescura e Prof Dra Alissandra Nazareth por disponibilizarem de seu tempo.

Por fim, agradeço principalmente à minha orientadora, a Prof Dra. Luana Melo por acreditar em mim, me acolher e aconselhar durante toda a graduação e principalmente nestes momentos finais de pesquisa e escrita da monografia.

*“O conhecimento nos faz responsáveis”*

Che Guevara

## RESUMO

A cultura pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos, crenças, valores, práticas sociais, comportamentos, arte, tradições e modos de vida de um grupo de pessoas de um determinado local e/ou período de tempo. O conceito de identidade é multifacetado e geralmente refere-se à compreensão que um indivíduo ou grupo tem de si mesmos. Ao pensar sobre a construção da identidade e da cultura japonesa no Brasil, existem diversas representações do reforço identitário demonstradas em festivais culturais ao redor do Brasil, como ocorre com o objeto de estudo desta pesquisa, o Japan Fest, que acontece anualmente na cidade de Marília, São Paulo. Em vista disso, este estudo tem por objetivo analisar a relação de estereotipação da cultura japonesa tornando-a uma mercadoria a ser consumida em eventos culturais por todo o país, principalmente em localidades onde existe uma maioria residente de nikkeis, os descendentes de imigrantes japoneses. Para isso, foi utilizada a pesquisa qualitativa recorrendo a uma vasta bibliografia, sites jornalísticos, além de elementos etnográficos. Conclui-se que estes festivais culturais utilizam das imagens de estereótipos para uma autopromoção, mas também possuem uma dualidade de mercantilizar ao mesmo tempo em que tenta fortalecer sua identidade cultural, ao buscar um sentimento de pertencimento de nikkeis dentro de seus países de origem.

**Palavras-chave:** Cultura; Identidade; Nikkei; Japan Fest; Marília-SP.

**ABSTRACT**

Culture can be understood as the set of knowledge, beliefs, values, social practices, behaviors, art, traditions, and ways of life of a group of people from a specific location and/or period of time. The concept of identity is multifaceted and generally refers to the understanding that an individual or group has of themselves. When considering the construction of Japanese identity and culture in Brazil, there are various representations of identity reinforcement demonstrated in cultural festivals throughout Brazil, as is the case with the object of study in this research, the Japan Fest, which takes place annually in the city of Marília, São Paulo. In light of this, this study aims to analyze the stereotypical representation of Japanese culture, turning it into a commodity to be consumed at cultural events nationwide, especially in locations where there is a majority of nikkeis, the descendants of Japanese immigrants. To achieve this, qualitative research was employed, drawing on a wide range of literature, journalistic websites, and ethnographic elements. It is concluded that these cultural festivals use images of stereotypes for self-promotion, but they also have a duality of commodifying while simultaneously attempting to strengthen their cultural identity by seeking a sense of belonging for nikkeis within their countries of origin.

Keywords: Culture; Identity; Nikkei; Japan Fest; Marília-SP.

## 要約

文化は、ある特定の場所および/または時代の特定のグループの知識、信念、価値観、社会的実践、行動、芸術、伝統、生活様式の集合体であると理解できます。アイデンティティの概念は多面的であり、一般的には個人またはグループが自らを理解することととらえられます。ブラジルにおける日本のアイデンティティと文化の構築を考える際、ブラジル全土でアイデンティティ強化のさまざまな表現が存在します。その一例が本研究の対象であるサンパウロ州マリリア市で毎年開催される　「Japan Fest」です。本研究の目的は、ブラジル国内の日系人が多く居住する地域における文化イベントで展開される日本文化の固定観念化に関する分析をすることです。これには、幅広い文献、報道ウェブサイト、および民族誌的要素を活用した研究資料を参照しました。結論として、これらの文化イベントは日本文化という固定観念のイメージを自己宣伝に使用していますが、同時に日系人が抱く日本文化への帰属感を求めつつ文化的アイデンティティを強化しようとする二重性が存在することが示されました。


キーワード**:** 文化; アイデンティティ; 日系人; Japan Fest; マリリア。

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ABCESG:** Associação Beneficente Cultural e Esportiva de São Gotardo

**ACAL:** Associação Cultural Assistencial da Liberdade

**ACENBA:** Associação Cultural Esportiva Nipo Brasileira de Bastos

**AECOM:** Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília

**Albras:** Alumínio Brasileiro S.A

**Deops/Sp:** Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo

**FAEF:** Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral da cidade de Garça

**Famema:** Faculdade de Medicina e Enfermagem de Marília

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ICMS:** Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

**JBC:** Japan Brazil Communication

**JETRO:** Japan External Trade Organization

**JICA:** Agência de Cooperação Internacional do Japão

**MAFF:** Ministério da Agricultura, Silvicultura e Pesca

**PADAP:** Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba

**POLOCENTRO:** Programa de Desenvolvimento dos Cerrados

**ProAC:** Programa de Ação Cultural de São Paulo

**PROCEDER:** Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados

**PRODEN:** Associação Garcense Pró-Desenvolvimento

**UFOP:** Universidade Federal de Ouro Preto

**UGC:** União dos Gakusseis de Curitiba

**Unimar:** Universidade de Marília

# LISTA DE FIGURAS

Figura 01: GIULIO ROSATI - Dança do harém. Óleo sobre tela.....28
Figura 02: Capa do livro “As viagens de Marco Polo” de Carlos Heitor Cony e Lenira Alcure. 29
Figura 03: Programação do primeiro dia de Bunka Matsuri nas três áreas do festival.....35
Figura 04: Programação do segundo dia de Bunka Matsuri nas três áreas do festival.....35
Figura 05: Fachada do Nikkey Clube Marília.....47
Figura 06: Exposição de Ikebana no Japan Fest.....47
Figura 07: Imagem promocional da 19ª edição do Japan Fest.....50
Figura 08: Área de barracas gastronômicas do Japan Fest.....51
Figura 09: Área de alimentação do Japan Fest.....51
Figura 10: Lançamento promocional do Japan Fest no Marília Shopping.....51
Figura 11: Área do Nikkey Clube Marília vista de cima durante o Japan Fest de 2019.....52
Figura 12: Área do parque de diversões durante o Japan Fest.....52
Figura 13: Cerimônia de abertura do 20º Japan Fest com autoridades brasileiras e japonesas 53
Figura 14: Imagem promocional da 20ª edição do Japan Fest.....54
Figura 15: Programação da 20ª edição do Japan Fest.....55
Figura 16: Apresentação do grupo de taiko Hibiki Wadaiko no Japan Fest.....55
Figura 17: Palco principal de apresentação na 20ª edição do Japan Fest.....56
Figura 18: Área de alimentação na 20ª edição do Japan Fest.....56
Figura 19: Barracas de alimentação na 20ª edição do Japan Fest.....57
Figura 20: Sorvete frito.....57
Figura 21: Barraca de exposição de empresa privada.....58
Figura 22: Página oficial do evento Japan Fest no Facebook.....61
Figura 23: Página oficial do evento Japan Fest no Instagram.....61

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO..... 11**
**CAPÍTULO 1 - IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA NO BRASIL..... 14**
1.1 A imigração japonesa no Brasil..... 14
1.2 Regiões brasileiras com identidade e expressão da cultura japonesa..... 20
**CAPÍTULO 2 - A CULTURA JAPONESA E SEUS EVENTOS COMO PRODUTO TURÍSTICO..... 27**
2.1 O Orientalismo, consumo e estereotipação da cultura japonesa..... 27
2.2 A cultura japonesa como produto turístico em eventos temáticos..... 31
**CAPÍTULO 3 - A MERCANTILIZAÇÃO DO "JAPAN FEST" EM MARÍLIA - SP.... 40**
3.1 A imigração japonesa no município de Marília-SP..... 41
3.3 A visão dos visitantes sobre o festival: estereótipos e consumo cultural..... 59
**CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 65**
**REFERÊNCIAS..... 67**

## INTRODUÇÃO

A cultura em seu sentido mais amplo, de acordo com o antropólogo Edward Burnett Tylor (1871), é o complexo total que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

O conceito de identidade, apesar de multifacetado, geralmente se refere à compreensão que um indivíduo ou grupo possui de si mesmo, assim como a percepção dos outros sobre ele. De acordo com Hall (2006), as identidades e as culturas não são estáticas, estão sempre em movimento e em constante mudança.

Nos processos de globalização, existe um contato cada vez maior entre diferentes culturas onde tem se observado um duplo movimento. De um lado, está a massificação das culturas, as quais podem ser entendidas como uma homogeneização de identidades e culturas influenciadas pelo contato e imposição de culturas e identidades vindas de países localizados ao norte do ocidente. Neste sentido, em reflexões sobre patrimônio cultural de um povo, Choay (2017) aponta o crescimento do turismo de massas e a maneira como a cultura começa a se ampliar e se moldar para o maior acesso de um público cada vez maior de visitantes, tornando os elementos ligados à cultura em objetos de consumo turístico.

Em contrapartida, também ocorre a valorização de culturas locais e regionais, como um fortalecimento diante do medo da homogeneização, podendo ser observado a partir de elementos culturais como festas, eventos, expressões culturais, entre outros.

Anualmente na cidade de Marília, São Paulo, acontece o “Japan Fest” no mês de abril, um festival de entrada gratuita que acontece e é realizado pelo Nikkey Clube de Marília. As primeiras imigrações japonesas para o município de Marília são datadas em 1930, um ano após sua instalação como município, com 273 famílias japonesas. Deste modo, a cultura nikkei em Marília é muito forte com um antigo histórico e uma grande comunidade de descendência japonesa residentes no município.

Em vista disso, a autora como frequentadora do festival, percebe uma visão estereotipada de sua própria cultura, o que causou a inquietação da autora diante do fato de ter sido tanto uma frequentadora de diversos eventos turísticos da cultura japonesa, como expositora de um deles e também por ser descendente da segunda e terceira geração de

imigrantes japoneses, uma vez que observa a promoção e as festividades como uma mercantilização de uma cultura. Neste contexto, o estudo tem como objetivo geral compreender como a cultura e a identidade é apresentada em eventos temáticos da cultura japonesa, como objeto de estudo o “Japan Fest” e como acontece a estereotipação dessa cultura. Como objetivos específicos temos, investigar o processo de imigração dos japoneses ao Brasil e sua influência na cultura brasileira; analisar o conceito de Orientalismo para compreender como ocorre a estereotipação da cultura japonesa e, por fim, utilizar o “Japan Fest”, que ocorre no município de Marília, São Paulo, como objeto a ser estudado na investigação de como sua promoção é feita, através de pesquisas bibliográficas, qualitativas e de teor etnográfico.

Para alcançar os objetivos, este trabalho aborda em seu primeiro capítulo, a situação do Brasil e do Japão que resultou nas imigrações japonesas através de pesquisas bibliográficas pelos autores Daigo (2008), Handa (1987), Kawamura (2008), além de mapear geograficamente e culturalmente as regiões brasileiras com maior influência destes imigrantes e descendentes para compreender as semelhanças e diferenças entre os grupos de colônias e associações japonesas ao redor do Brasil, a partir das pesquisas realizadas por Lima (2017), Peixoto (2015), Takeuchi (2008) e Schpun (2008).

No segundo capítulo é analisada a relação entre o “outro” citado por Said (1978), o qual explica a visão do Ocidente sobre o Oriente como algo exótico e homogêneo, ignorando suas individualidades e histórias, junto ao que se entende como identidade e cultura por Hall (2006) como eventos de constante movimento e transformação. No segundo tópico deste capítulo, realiza-se uma busca e análise de diversos eventos culturais ao redor do Brasil, além da possibilidade que uma cultura traz para a criação de eventos e propagandas, nesse quesito foram trabalhados Barreto (2000), Gonçalves (1998), Lebrão, Hanada e Bomtempo (2007).

Por fim, o último capítulo faz uma revisão bibliográfica sobre o município de Marília, a história da imigração japonesa e seu crescimento econômico e social junto a população nikkei a partir de Vieira (1973), Kajimoto (2016) e Mourão (1994). Para o levantamento de informações sobre a idealização do evento “Japan Fest”, foi realizada a pesquisa através de notícias, jornais e vídeos promocionais. Juntamente a isso, foi feita a análise qualitativa das redes sociais oficiais do evento a partir de comentários, opiniões e visões dos visitantes sobre o festival, além do estudo etnográfico da autora como frequentadora e expositora do evento.

Em primeiro momento, houve a intenção de realizar de traçar o perfil de frequentadores através de entrevistas durante o próprio evento, entender suas percepções sobre a cultura japonesa apresentada e os principais produtos consumidos. Também houve a intenção de realizar entrevistas semi estruturadas aos principais idealizadores e organizadores do festival, com o intuito de entender a maneira como são planejadas todos os anos, quem são os convidados para apresentações artísticas, para a comercialização de produtos ditos japoneses, quais são os quesitos e as características necessárias para a convocação desses profissionais, se e quanto é possível ganhar monetariamente a partir destes eventos e, se há ganhos, existe de alguma forma o retorno para a comunidade nikkei da região.

# CAPÍTULO 1 - IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA NO BRASIL

Este primeiro capítulo abordará a situação do Japão e do Brasil que resultou no acontecimento das imigrações japonesas, além dos principais pontos onde se instalaram estes imigrantes e suas influências no local, sobre a influência dos autores: Daigo (2008); Handa (1987); Kawamura (2008). Também será feita uma busca bibliográfica com o intuito de mapear geograficamente e culturalmente as regiões brasileiras das quais receberam grandes influências dos imigrantes japoneses e seus descendentes para compreender melhor as diferenças e semelhanças entre os diversos grupos das colônias japonesas ao redor do Brasil. A pesquisa foi realizada a partir de Lima (2017); Peixoto (2015), Takeuchi (2008) e Schpun (2008).

## 1.1 A imigração japonesa no Brasil

No dia 18 de junho de 1908, atracou em Santos-SP o navio *Kasato-Maru*, trazendo os primeiros 800 imigrantes japoneses às terras brasileiras. Os japoneses chegaram utilizando roupas européias confeccionadas e adquiridas no Japão, quebrando estereótipos do imaginário brasileiro sobre as vestimentas japonesas utilizadas no país do outro lado do Oceano (Handa, 1987).

Entretanto, a relação de Japão e Brasil já acontecia anteriormente a esta data. Em 1895, no dia 5 de novembro, foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre a República dos Estados Unidos do Brasil e o Império do Japão. Já em 1906, o presidente da Companhia Imperial de Emigração *(Kokoku Shokumin Kaisha)*, Ryu Mizuno, junto a Teijiro Suzuki, trabalharam na Fazenda Tibiriçá de maneira experimental (Daigo, 2008).

No ano seguinte, de acordo com Daigo (2008), o secretário de Assuntos da Agricultura, Carlos de Arruda Botelho, assina o contrato para a vinda dos japoneses ao Brasil, em nome do governo do Estado. Neste documento, algumas das exigências eram: as famílias dos emigrantes japoneses deveriam ser compostas por 3 a 10 pessoas aptas a trabalhar, ou seja, na faixa etária entre 12 a 45 anos de idade; os emigrantes que trabalham nas fazendas, recebem as mesmas moradias e salários dos imigrantes europeus; o governo do Estado

subsidiaria as passagens marítimas em 10 libras esterlinas para pessoas acima de 12 anos e 5 libras para crianças de 7 a 12 anos; os proprietários das fazendas, pagariam 4 e 2 libras esterlinas ao governo como parte da passagem marítima, que depois seria descontado do salário dos emigrantes.

Para compreender onde os imigrantes japoneses se instalaram pelo Brasil, é importante investigar as fazendas para as quais estes primeiros trabalhadores foram distribuídos. Em grupos, eles foram divididos para seis grandes fazendas com produção principalmente voltada ao café e utilizando como mão de obra, os imigrantes estrangeiros e brasileiros.

De acordo com Handa (1987), as fazendas eram: Fazenda Floresta, na Estação Itu, sendo a atual cidade de Itu e pertencente à região próxima à Campinas; a Fazenda Canaã, na linha Mogiana, com centro em Ribeirão Preto, região onde mais tarde instalou-se a sede do consulado japonês e o escritório da companhia de emigração; a Fazenda Dumont, também da linha Mogiana, era considerada a líder no Estado de São Paulo como uma das maiores; a Fazenda Guatapará, da linha Paulista que ligava Ribeirão Preto a Araraquara; a Fazenda São Martinho também da linha Paulista; e a Fazenda Sobrado na linha Sorocabana, que tinha por centro a cidade de Botucatu.

Na época anterior à abolição da escravatura, os chamados “senhores de engenho” eram os que obtinham mais poderes e riquezas daquele tempo, por serem produtores de mercadorias utilizando o trabalho escravo como meio de produção, estes donos de engenho seguiram existindo nas fazendas de café, sendo os “patrões” dos imigrantes estrangeiros e dos brasileiros. De acordo com Handa (1987):

> Com a abolição, sem indenização, da escravidão e o desmoronamento da monarquia em 1888, o Brasil passava por um movimento de formação da República, de maneira que o café da região sul, era o principal produto que sustentava o país (HANDA, 1987, p. 29).

Neste contexto, os primeiros imigrantes japoneses chegam ao Brasil acreditando em suas terras férteis e na melhoria de suas vidas, mas que após alguns anos acabam tendo um sentimento de “fracasso”. Isso ocorreu pois, os anos anteriores à chegada dos japoneses, foram considerados excelentes, enquanto a de 1908, ano da chegada dos imigrantes japoneses, apresentou-se pouca produção, motivo de descontentamento tanto aos trabalhadores quanto aos donos das fazendas. Outros fatores como, o sistema de extorsão e o regime de baixa remuneração, além dos problemas de alimentação, os horários de trabalho do nascer ao

pôr-do-sol, onde trabalhavam com fiscalização e dificuldades de comunicação, causaram uma debandada de japoneses dessas fazendas (Handa, 1987). Muitos destes então chamados "imigrantes fugitivos" (Daigo, 2008), foram para a cidade de São Paulo com dificuldades de compreender a língua portuguesa e assumiram profissões como marceneiros, empregadas domésticas e pedreiros.

Na década de 1920, o desbravamento das matas virgens pelos japoneses aumenta principalmente na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que cruzava o centro do Estado de São Paulo até o Estado de Mato Grosso. Criando-se assim, inúmeras colônias japonesas passando pelo centro do Estado de São Paulo, com início em Bauru, seguindo as cidades de Cafelândia, Lins, Promissão, Birigui, Araçatuba e outras cidades do interior (Daigo, 2008). Sobre as lavouras japonesas, Daigo (2008) explica que a maior contribuição da agricultura nikkei foram as mais de 30 espécies novas e da difusão de espécies preexistentes e melhoradas:

> No início da imigração, os japoneses não se preocuparam em pesquisar o que os brasileiros gostavam, apenas foram produzindo o que achavam conveniente para eles mesmos. Embora a maior parte dos produtos agrícolas tenha chegado ao Brasil pelas mãos dos imigrantes japoneses, sua apreciação pelos brasileiros ocorreu por mera via de consequência, uma vez que, já que produziam para sua própria alimentação, os japoneses acabaram por introduzir esses alimentos também na mesa dos brasileiros pela exposição dos produtos (Daigo, 2008. p. 80).

A partir desses desbravamentos, iniciavam-se as primeiras fazendas e, em seguida, os núcleos de colonização japonesa, fato que não ocorria de maneira uniforme. Em geral, compravam-se terras após trabalhar na fazenda com um contrato de quatro a seis anos, em uma época que para ser sitiante no Brasil, demorava em média dez anos de trabalho. Esses núcleos eram organizados com seus respectivos "escritórios ", que eram responsáveis por promover o desenvolvimento regular das atividades internas (Handa, 1987).

Com a criação dos núcleos, surgiu também a constituição de associações, das quais suas principais funções eram a de confraternização, ou seja, a necessidade de reunir os chefes de família para comer e beber, além da importância dos associados na dedicação em prol ao desenvolvimento de seu núcleo. Surgiam também as associações dos jovens (homens), das quais seus afazeres eram voltados para a preparação e limpeza das gincanas de atletismo *"undokai"* ou confraternizações *"shinbokukai"*. Estas associações em questão, muitas vezes tinham iniciativa dos pais, por costumes familiares dos primeiros imigrantes, pois não gostavam que os moços tirassem folga aos domingos e feriados, ou seja, uma questão de disciplina para mantê-los conservadores com o objetivo do congraçamento e melhoramento

do relacionamento de chefes de família com os futuros chefes. Depois de um tempo surgiram as associações das moças e muito depois a das senhoras (Handa, 1987).

Por iniciativa do Consulado Geral, em 1937 foi realizada uma reunião com o intuito de debater a criação de algum órgão que se tornasse um canal de comunicação entre todos os patrícios do Brasil, convocando os chefes locais a São Paulo. Entretanto, ocorreram muitos erros nos anúncios da nomeação dos chefes de diversos núcleos, gerando uma inconformidade dos japoneses, causando então o adiamento da criação de uma união federativa das associações dos japoneses. De acordo com Handa (1987), um dos pensamentos estabelecidos pelos núcleos era o de viver sem se incomodar com os brasileiros, o que era também uma das principais tarefas das associações.

Os papéis desempenhados pela central das associações japonesas eram: de ser um comunicador entre o Consulado e cada núcleo; fazer solicitações pela prefeitura, ou quando a consultava para algo, o presidente da associação central era o representante; intermediação em casos judiciais; entrar em contato com os núcleos para organização de roteiros de visitas; no caso de visitantes como cônsul e embaixador, o presidente da associação era o guia honorário. A central também promovia festivais artísticos e construção de campos de esportes com contribuições e cooperação das associações, onde eram realizadas competições de atletismo e beisebol (Handa, 1987).

A partir desta época em São Paulo, iniciou-se construções de bases para a vida dos imigrantes como a escola *Taisho Shogakko*, o Clube de Esportes *Mikado*, a abertura de Hotéis para hospedagem de japoneses, de restaurantes de comidas típicas e a fabricação de *shoyu* (molho de soja) e *tofu* (queijo de soja) (Daigo, 2008). Os professores de japonês da época, ensinavam pelas manhãs e trabalhavam nas lavouras à tarde, algumas vezes lencionavam à noite para os moços, que estavam mais acostumados a ir às cidades e tinham mais oportunidades de falar em português. Os alunos, de maioria crianças, possuíam um linguajar misturado de japonês dialetal da família e o português com palavras comuns do dia a dia. As colônias preferiam suas próprias escolas japonesas pois, para os pais japoneses, faltava nas escolas brasileiras a ideia de “dedicação aos pais” e suas ideias de educação eram impossíveis de serem passadas em outra língua que não fosse a japonesa (Handa, 1987).

Sobre a criação e educação familiar da época, Kawamura (2008) diz:

> Desde o passado, na árdua luta para a inserção na sociedade brasileira, os imigrantes japoneses e seus descendentes desenvolveram estratégias de organização familiar, de

> trabalho, de educação dos filhos, de comunicação entre si e a sociedade brasileira, procurando preservar, ao lado das influências ocidentais, os valores, princípios, regras e condutas da vida privada e social, crenças religiosas, atividades esportivas e artísticas herdadas de seus antepassados (Kawamura, 2008. p. 169).

No período de 1929 e 1930, com a quebra da bolsa de valores, a qual afeta a produção de café no Brasil, a política brasileira organiza o governo provisório tendo Getúlio Vargas como chefe, iniciando o período da República Nova. Em 1934, Vargas consegue se eleger presidente da República pelo Congresso Nacional, terminando seu regime com o golpe do Estado Novo, instituindo assim seu governo autoritário apoiado pelo Exército da Polícia Militar em 1937, dissolvendo a Câmara e o Senado. Logo em 1939, inicia-se a Segunda Guerra Mundial, onde o Brasil se alia aos Estados Unidos da América.

Durante estes governos, foram criadas inúmeras medidas nacionalistas para acelerar a unificação em um país com tanta imigração como o Brasil, aumentando mais ainda a necessidade de consciência nacional com o início da guerra. Existiam parágrafos nas leis de imigração com a proibição do ensino de línguas estrangeiras e da regularização da vida dos imigrantes com residência, naturalização, formação de núcleos de colonização e ensino primário. Como consequência, as escolas japonesas foram fechadas e, as que funcionavam, eram clandestinas (Handa, 1987).

Neste período da história do Brasil, os estrangeiros que educassem seus filhos em sua própria língua com seus pensamentos e costumes, eram considerados traidores, no quesito de tirar do brasileiro o direito de ser brasileiro. Os japoneses passavam por questões conflituosas, de maneira que eram proibidos de viver sua nacionalidade, ao mesmo tempo que levavam em suas raízes os ensinamentos imperialistas da Era Meiji, que prezava pelo sentimento nacionalista acima de tudo. Essas exigências e proibições fortaleciam de maneira contrária o sentimento japonês, a qual se tornava cada vez mais nacionalista ao Japão ao invés do Brasil.

Logo em 1941, proibiu-se a circulação de jornais em língua japonesa, dificultando a chegada de informações aos imigrantes sobre o que ocorria no mundo. No ano seguinte, o Brasil rompeu suas relações diplomáticas com os países do eixo, fechando repartições diplomáticas e consulados enquanto, ao mesmo tempo, o Departamento de Ordem Política e Social em São Paulo proibia a distribuição de textos em língua estrangeira e o seu uso em locais públicos (Daigo, 2008).

Chega em 1945 o fim da guerra e a rendição final do Japão, porém, por conta das proibição de meios de comunicação jornalísticas aos imigrantes japoneses, a circulação de

boatos torna-se um dos principais fatores que causaram a inquietação dos imigrantes, que por consequência, se dividiram naqueles que acreditavam na derrota e aqueles que não acreditavam, os derrotistas e os vitoristas respectivamente. Essas divergências causaram grandes conflitos na própria colônia japonesa, causando ataques terroristas pelo forte sentimento de patriotismo e inconformismo dos vitoristas.

Com  a explosão das duas bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, o Japão começa a passar por um processo de revitalização de seu país no pós-guerra, diretamente financiado pelos Estados Unidos da América, através de acordos de submissão disfarçados como acordos de paz, logo, o país começa a se desenvolver tecnologicamente. Assim, depois de 20 ou 30 anos de imigração, já não era fácil para os *isseis*[1] conseguirem imaginar voltar para seu país de origem, seria ainda mais difícil para as gerações seguintes que já nasciam no Brasil.

Em 1954, as comissões de imigrantes se uniram, transformando-se em outra entidade chamada Sociedade Paulista da Cultura Japonesa, e converteram as associações japonesas em associações brasileiras com o objetivo social de fomento do esporte e da cultura japonesa (Daigo, 2008). Neste mesmo ano esta entidade, junto a outras colônias estrangeiras, foi convocada para participar e colaborar das comemorações do Quarto Centenário da cidade de São Paulo. Em maio do mesmo ano, foi celebrado uma cerimônia de abertura do Pavilhão Japonês dentro do Parque Ibirapuera. Este possui uma sala de exposição de artes japonesas, além de apresentações de danças folclóricas e desfiles temáticos (Handa, 1987).

O pós-guerra trouxe de volta as imigrações japonesas para o Brasil, além da adoção do governo brasileiro da política de incentivo à vinda de empresas estrangeiras, aumentando a instalação de empresas japonesas no país. A partir da década de 80, o perfil da colônia japonesa começa a mudar, pois as novas gerações tornam-se *nikkeis*, ou seja, os descendentes de segunda, terceira ou mais gerações dos primeiros imigrantes (Daigo, 2008).

A partir da década de 80, o Brasil começa a passar por uma inflação junto à construção de Brasília como nova capital do país, por outro lado o Japão vivia uma euforia econômica onde necessitava de mão de obra para o chamado chão de fábrica, onde o país passa a enxergar como solução, trazer de volta os japoneses de primeira geração que estavam fora do país para esses trabalhos braçais e, ao perceber ser um número insuficiente de pessoas,

[1]Issei são as primeiras gerações dos imigrantes japoneses.

chamaram também as segundas, terceiras gerações e seus cônjuges, os chamados *dekasseguis* (Daigo, 2008).

Sobre essa nova forma de intercâmbio cultural do Brasil com o Japão, Kawamura (2008) aponta que:

> O fato de o Japão ter se tornado uma das maiores potências tecnológicas do mundo fez uma grande diferença para os descendentes de japoneses residentes fora daquele país, principalmente no Brasil, onde vive a maior parte deles. Essa condição de potência mundial influiu positivamente na imagem que os descendentes tinham sobre o país do Sol Nascente, bem como possibilitou mudar a autoimagem dos grupos nikkeis, reforçando neles aspectos culturais nipônicos, como o interesse pelo idioma, pelas artes, pelos esportes e eventos e, principalmente, o mundo imaginário transmitido pela atual mídia e pelos produtos tecnológicos japoneses (Kawamura, 2008. p. 170).

Este período foi um momento de ambiguidade no sentimento de identidade para os nipo-brasileiros, enquanto que no Brasil não eram considerados brasileiros o suficiente, no Japão não eram japoneses o suficiente por uma série de características físicas e culturais, ou seja, eram estrangeiros em todos os lugares que estivessem. A história da comunidade nikkei, desde sua imigração até os dias de hoje, carrega consigo aspectos que se prevalecem intrínsecos em seu dia a dia, na maneira de educar e criar as futuras gerações. Será analisada como a tradição é passada dentro dos núcleos familiares e nas associações, visando entender qual a sua importância na visão identitária da comunidade, ao mesmo tempo que é utilizada para a própria comercialização, através de eventos e festivais.

## 1.2 Regiões brasileiras com identidade e expressão da cultura japonesa

A pluralidade de etnias é sem dúvida uma das características mais marcantes do Brasil. Este fato se dá por uma diversidade de acontecimentos ao longo da história do país, desde antes da invasão portuguesa, onde já existiam diferentes etnias indígenas e também durante a escravidão trazendo os africanos, assim como a vinda de europeus às Américas. Os processos migratórios no Brasil, assim como em outros países latino-americanos, iniciaram devido a abolição da escravatura e extirpação do uso da mão de obra negra e escravizada (Lima, 2017).

Como citado no anteriormente, o início dos processos migratórios entre Japão e Brasil, aconteceram primeiramente pelo porto de Santos, e espalhando-se em outras cidades do estado de São Paulo e, com o aumento desse movimento após a segunda década do século

XX, o governador do estado do Pará também mostrou interesse e concedeu terras para esses imigrantes. Neste caso, essas concessões constavam na alocação de 1.000.000 hectares por 50 anos, para assentar 10.000 famílias japonesas, as quais usariam as terras para a agricultura, criação de gado, podendo construir estradas de ferro e rodagem, além de estabelecimentos industriais, serviços de navegação e cooperativas de crédito agrícola, bancos de depósitos e desconto (Lima, 2017).

De acordo com Takeuchi (2008), as colônias nipônicas no Estado de São Paulo não se deram somente em áreas cedidas pelo poder público, como também começaram a partir de zonas de mata virgem na região noroeste, desbravadas no início da década de 1910. Estas citadas colônias foram fruto de atividades econômicas realizadas em comunidades tanto planejadas como de maneira espontânea, pois eram formações originadas por ex-colonos e, na perspectiva dos japoneses, estes eram uma minoria culturalmente diversa da brasileira. Além disso, segundo o Projeto Incorporado ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, foram formadas colônias no Paraná, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo e estados da Amazônia (Peixoto, 2015).

Em 1922 ocorre a suspensão do subsídio do governo de São Paulo aos colonos japoneses e, em 1924, é aprovada a Lei de Origem Nacional pelo Congresso Norte-Americano, a qual vedava o acesso de orientais ao país, no mesmo ano em que o governo do Japão passa a subsidiar o envio de seus nacionais ao Brasil, fatos ocorridos por motivação do temor da introdução do “sangue mongólico” nos países americanos e as suspeitas de infiltração de espiões japoneses. Apesar disso, os núcleos coloniais crescem e se desenvolvem cada vez mais, em número e em força cultural (Takeuchi, 2008).

Neste momento, o governo Japonês entregava as passagens de ida ao Brasil aos imigrantes, que poderiam adquirir um lote de acordo com um pagamento inicial feito, ainda no Japão, para que estes pudessem ingressar nas colônias já fundadas e o restante, seria pago em prestações no Brasil. Dessa maneira, no estado de São Paulo foram criadas as colônias de Bastos, Alianças, Tietê e, no estado do Paraná, a de Três Barras (Takeuchi, 2008).

Com este avanço econômico e aumento das colônias japonesas no Brasil, em janeiro de 1929 foi criada a Companhia Nipônica de Plantação do Brasil, a qual recebeu uma concessão de 1 milhão de hectares de terra pelo governo paranaense e foi dividido em: 600 mil hectares em Acará (atualmente Tomé-Açú) e 400 mil hectares em Monte Alegre, além da doação de mais três áreas de 10.000 hectares cada uma, em outras regiões do estado,

resultando na abertura de 600.000 hectares de Acará, onde abrigaram 43 famílias, com o total de 189 imigrantes neste mesmo ano de 1929 (Takeuchi, 2008).

Apesar dessas concessões, ocorreram também proibições impostas aos nacionais do Eixo, como dito por Takeuchi (2008):

> A proibição imposta aos nacionais do Eixo de residirem em zonas litorâneas significou a expulsão de japoneses de Santos e outras cidades em julho de 1943. Antes, em fevereiro de 1942, começaram a ser retirados do bairro da Liberdade, centro da cidade de São Paulo, em particular da rua Conde de Sarzedas, que concentrava boa parte da população dessa origem. [...] As colônias e as cooperativas agrícolas japonesas se tornaram alvo preferencial da Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops/Sp)" (Takeuchi, 2008, p. 5).

Apenas na década de 1950, a situação das comunidades se normaliza, junto a um processo de integração à sociedade brasileira, sendo este um processo dificultado após os preconceitos e os traumas generacionais do Pós Segunda Guerra Mundial.

Sobre essas concessões de terras, é citado por Lima (2017), que a maioria dos imigrantes não pôde suportar o prazo de contrato, resultando na fuga das fazendas e formações de outras colônias agrícolas, a partir da compra de pequenas propriedades feitas pelos patrícios, ou também fugiam para os núcleos urbanos, como por exemplo formando o bairro da Liberdade como conhecido atualmente.

Duas das possibilidades a serem seguidas pelos primeiros imigrantes em busca da posição de arrendatários e/ou pequenos proprietários era, primeiramente o acesso às chamadas “terras velhas”, gastas pelos cafés e dedicadas à policultura intensiva de frutas e legumes e, em segundo, a compra ou arrendamento de terras em zonas pioneiras, com o intuito de gerar rapidez na revenda seguindo o ritmo do café (Schpun, 2008).

Durante os mais de 100 anos da imigração japonesa, é perceptível a influência da sociedade japonesa em vários aspectos na sociedade brasileira, despertando também uma admiração pela primeira, pois, de acordo com Rossini (1992), o Brasil passou a abrigar o maior número de nipônicos fora do Japão.

Como citado anteriormente, a imigração teve grande influência na agricultura do Brasil e, para elucidar melhor, Peixoto (2015) traz dois exemplos. A primeira seria nos sistemas agroflorestais na cidade paranaense de Tomé-Açú, onde ocorreu uma doença nas pimenteiras que eram produzidas, causando o encurtamento da vida de uma planta de 20 anos para 8 anos e, a saída encontrada pelos imigrantes, foi de plantar outras plantas perenes da

biodiversidade amazônica, como açaizeiro e castanheira, junto a pimenteira. Caso este que, segundo a Embrapa Amazônica Oriental, abriu o novo mercado internacional do açaí.

Outro exemplo de Peixoto é no estado de São Paulo, no município de Bastos, que se tornou o maior produtor de ovos da América Latina, onde ocorre a tradicional "Festa do Ovo" e, em sua pesquisa, cita o engenheiro agrônomo Isidoro Yamanaka, nascido em Bastos e filho de japoneses, o qual conta que ao iniciarem o cultivo de tangerina ponkan, foi necessário criar galinhas para a produção de adubo orgânico.

Além disso, há também um dos maiores pilares da exportação brasileira, a soja, a qual foi introduzida pelos japoneses. Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa Soja, o Brasil é o segundo produtor mundial deste grão, que teve seu cultivo iniciado pelos imigrantes japoneses no século passado, entretanto foi apenas na década de 1970 que ganhou espaço, pois existia a priorização do cultivo de café na época (Peixoto, 2015).

De acordo com Peixoto (2015), hoje em dia há um destaque de investimentos do Japão na mineração japonesa. A autora aponta que no município de Barbacena no Pará, estado com a terceira maior colônia japonesa brasileira depois São Paulo e Paraná, está instalada a Albras - Alumínio Brasileiro S.A:

> Os principais produtos que o Brasil exporta são minérios de ferro, alumínio e alimentos como carne de aves, café, milho e suco de laranja. E os produtos que o Japão mais exporta para o Brasil são automóveis e peças automobilísticas, trilhos de aço e peças para motocicleta (Peixoto, 2015, p.5).

Em outra perspectiva, Schpun (2008) comenta sobre a contribuição dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira academicamente, onde são expostos depoimentos de descendentes da segunda geração que dizem sobre como os bons resultados escolares dos filhos funcionava como uma obrigação de retribuição por todos os sacrifícios feitos por seus antepassados, principalmente dos próprios pais, em busca de uma longa escolaridade e diplomas de alto nível.

O município de Cachoeiras de Macacu, no estado do Rio de Janeiro, também possui a influência de imigrantes japoneses, lá foram criados três núcleos coloniais em duas épocas diferentes, tanto de colonos migrantes do estado de São Paulo, como de colonos vindos diretamente do Japão.

O núcleo colonial mais antigo foi o de Japuíba, datado em 1947 com a chegada de Hisashi Akita, vindo de São Paulo e, em 1949 a região já contava com 24 famílias. O núcleo de Papucaia iniciou-se em 1954, com a primeira família japonesa local e, ao final da década seguinte, já residiam mais de 80 famílias. Em Funchal, a maioria dos colonos eram imigrantes recém chegados do Japão que quase não entendiam a língua portuguesa e, diferente dos outros dois núcleos onde os colonos eram em sua maioria agricultores, essa colônia era formada por mineradores, funcionários do serviço terciário, técnicos, pessoas expatriadas e desamparadas com o fim da guerra (Fernandes, 2021).

Neste estudo de Fernandes (2021), é exposto que um dos motivos da imigração japonesa neste período do fim da guerra, foi por parte de um programa governamental japonês, que sofria com o desemprego e superpopulação. Enquanto isso, os japoneses no Rio de Janeiro viviam mais isolados dentro de suas colônias e, por conta de uma política de imigração tutelada, eram impedidos de serem politicamente ativos no Brasil, além de ainda se enxergarem como cidadãos japoneses ao invés de brasileiros.

A visita do então Imperador Akihito à colônia de Funchal, aproximadamente 20 anos após a guerra e seis anos após o início deste núcleo colonial, expôs essa aproximação diplomática e econômica entre os países, além de reforçar o controle, cuidado governamental para com os imigrantes e a identidade dos japoneses dentro dessas colônias (Fernandes, 2021).

Uma característica importante e que se repete nestes locais onde se firmaram núcleos coloniais japoneses, é a criação e organização de cooperativas. No Rio de Janeiro e no Brasil, elas existem para a venda de produtos e em associações esportivas ou culturais, com o intuito de manter as tradições, costumes, línguas e para a socialização dentro da dificuldade destes imigrantes se sentirem inseridos e assimilados na sociedade em seu redor. A pesquisa de Fernandes (2021) aponta um exemplo desta falta de visibilidade, citando a não menção das colônias japonesas e de suas participações políticas e econômicas na história e memória oficial do município de Cachoeiras de Macacu.

Em outro estudo feito por Santana (2015) é mostrado sobre o município de São Gotardo, em Minas Gerais, onde nos anos de 1970, recebeu imigrantes japoneses para atuar na produção agrícola, sendo eles parte do chamado Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP), um projeto federal de integração dos biomas nacionais, o qual

visava o aproveitamento de tecnologias para a exploração correta do solo e a consolidação do modelo agroexportador do governo militar.

Este programa, que começou a ser implantado em 1973, foi majoritariamente constituído por imigrantes de descendência japonesa e selecionados, como um tipo de migrante qualificado, por sua capacidade técnica para colocar seus conhecimentos técnicos necessários no aproveitamento do solo do Cerrado, sendo essa a vegetação da região mineira do Alto do Paranaíba. As cidades do Rio Paranaíba, Ibiá, Campos Altos e São Gotardo fizeram parte deste programa, sendo essa última escolhida como moradia pela maioria dos colonos japoneses (Santana, 2015).

A importância da seleção destes imigrantes foi apontada por Sakurai (2008) pois entraram no país: técnicos altamente especializados, trabalhadores industriais qualificados e semiqualificados, aprendizes de algum ofício, artesãos preparados para abrir suas próprias oficinas, gerenciadores do campo científico, atividades intelectuais, trabalhadores-chave dentro das indústrias e agricultores com alta formação técnica.

São Gotardo está localizada no estado de Minas Gerais e pertence ao bioma do Cerrado, situada a 300 km da capital Belo Horizonte, a partir de 1970, tornou-se uma referência da agroindústria. Os nipo-brasileiros migraram da região sul do Brasil em meados dos anos 1970 e, de acordo com o Censo (IBGE, 2010) cerca de 1%, aproximadamente 253 pessoas, da população considera-se amarela.

Além do PADAP, ocorreram três grandes projetos no Cerrado, o segundo sendo o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), o qual visava incorporar 37.000 $km^2$ das regiões do Cerrado para a produção de larga escala agrícola no período de 1975 a 1979. Para isso, os recursos deste projeto foram aplicados em diversas regiões dos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, onde os produtores rurais tiveram o privilégio de linhas de crédito e apoio técnico e governamental; entretanto, o programa fracassou pela dispersão dos recursos aplicados e intensificação da inflação, com o fim dos subsídios do governo federal.

O segundo projeto chamado Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados, o PROCEDER, foi uma aliança entre os governos brasileiro e japonês, foi arquitetado em 1974 e implantado em Minas Gerais a partir de 1978 inicialmente

nos municípios de Iraí de Minas, Coromandel e Paracatu e ao longo dos anos se expandiu para o Goiás, Mato Grosso do Sul, Maranhão e Tocantins (Santana, 2015).

De acordo com Santos (2010), foram diversos os impactos do PADAP sobre o município de São Gotardo. Primeiramente o projeto abrangeu $600km^2$ entre os municípios de Rio Paranaíba, São Gotardo, Campos Altos e Ibiá; a disposição inicial era de: Rio Paranaíba com 60,8%, São Gotardo com 10%, Campos Altos 23% e Ibiá 6,2%, sendo que do seu total, foi redistribuído $255km^2$ para o assentamento dirigido e $354km^2$ retornaria para a população local das cidades. Em São Gotardo, a área destinada ao PADAP era de 4,3%. Toda essa implantação foi produto da desapropriação através da reforma agrária, a qual resultou em 95 lotes destinados aos colonos do programa.

Uma das práticas comuns observadas em todas as comunidades nipônicas situadas no Brasil é o chamado associativismo. Esta é uma prática social importante na cultura nipo-brasileira que, para os primeiros imigrantes, foi mobilizada para auxiliar nas dificuldades encontradas, funcionaram como suporte administrativo, financeiro, educacional e cultural, por exemplo, na construção de escolas que funcionam dentro das associações. Apesar de existirem semelhanças no Brasil, este valor de grupo e comunidade no Japão funciona como um preparo do indivíduo para a vida em sociedade.

> Nas escolas, no trabalho e até mesmo dentro de casa, os japoneses se veem diante da imposição de regras que identificam a sua inserção nos grupos. Os uniformes, por exemplo. Os estudantes japoneses usam uniformes até a entrada da faculdade. As sempre de cor azul-marinho, as meninas usam saia, meias três-quartos. O uniforme dos meninos se assemelha ao dos militares. Quando os estudantes saem em grupos organizados, são guiados por bandeiras coloridas ou por chapeuzinhos que os identificam no meio da multidão. Todos andam em filas ordenadamente. Os empregados de escritório vestem-se com ternos todos parecidos, como se fossem comprados na mesma loja. Preferem cores sóbrias, preto ou azul marinho, camisas brancas, gravatas discretas. Operários, trabalhadores de serviços públicos, de manutenção, todos usam uniformes, normalmente azuis (Sakurai, 2011, p. 289).

Em São Gotardo não foi diferente, a criação de uma Associação se mostrava na necessidade de um espaço de reunião entre colonos do programa para as práticas de atividades culturais, esportivas, beneficentes e recreativas. Dessa forma, no dia 13 de janeiro de 1976, cria-se a ABCESG - Associação Beneficente Cultural e Esportiva de São Gotardo, um espaço para a continuação da cultura nipônica e sua integração na cidade. Handa (1987) explica que os *kaikans* são sedes das associações culturais e/ou esportivas mantidas pelos japoneses e seus descendentes, utilizadas para realizar reuniões sociais e maior integração da comunidade nipônica local.

Desde os primeiros imigrantes japoneses até os dias de hoje com seus descendentes das gerações atuais, muitas das características citadas durante todo o subcapítulo ainda são presentes e marcadas culturalmente na criação destes descendentes, que carregam dentro de si valores e vivências, apesar de diferentes, ainda muito parecidas com a dos primeiros colonos que chegaram ao Brasil.

# CAPÍTULO 2 - A CULTURA JAPONESA E SEUS EVENTOS COMO PRODUTO TURÍSTICO

O presente capítulo analisará o conceito de Orientalismo e seus estudos para um maior entendimento da estereotipação que ocorre com a cultura japonesa e a visão de bem como consumo cultural, através de revisões bibliográficas a partir dos estudos de Hall (1992) e Said (1978). Também, buscará entender os festivais culturais como objetos de mercantilização da cultura japonesa e a visão de possibilidade que uma cultura traz para a criação de eventos e propagandas através de sites e programações de festivais realizados ao longo dos anos, além de analisar pesquisas sobre diferentes eventos ao redor do Brasil. Nesse quesito, os autores trabalhados serão: Barreto (2000) e Gonçalves (1998); Lebrão, Hanada e Bomtempo (2007).

## 2.1 O Orientalismo, consumo e estereotipação da cultura japonesa

Para compreendermos a construção de identidades, estereótipos, imaginários e a ideia de "oriente" é fundamental uma imersão em torno da literatura mais recente, que irá apontar que a própria ideia de oriente se constrói pelo pensamento Ocidental, representado pela Europa, seu poder econômico, cultural e o imperialismo.

Os estudos Pós-coloniais surgem a partir dos anos 1950, e deram início a um movimento de crítica e contestação do colonialismo e de um mundo pensado a partir do ocidente, mais precisamente da Europa, como centro e referência deste mundo. O pensamento eurocêntrico pode ser compreendido como aquele que cria a ideia de ocidente como sendo o centro difusor da racionalidade, do modelo de civilização a ser seguido. Constrói-se assim a ideia de "nós" e "eles", o que significa dizer a ideia de que, tudo o que não é Europa, é "o outro", e este outro será sempre visto e explicado a partir de uma olhar centrado nas diferenças, no exotismo, na estereotipação.

Os estudos pós-coloniais emergem muito ligados aos estudos literários e culturais, criticando esta visão de mundo eurocentrada e buscando compreender como a Europa representa o resto do mundo. São análises focadas nos discursos e nas representações deste "outro" (o oriente) pela Europa. Estas representações tiveram forte consequência na construção das identidades culturais tanto do Europeu, quanto deste "outro". Como o mundo colonizado e de forma mais ampla, o oriente, é construído discursivamente a partir do olhar Europeu? O que este olhar influencia nossas leituras e interpretações de outras culturas e

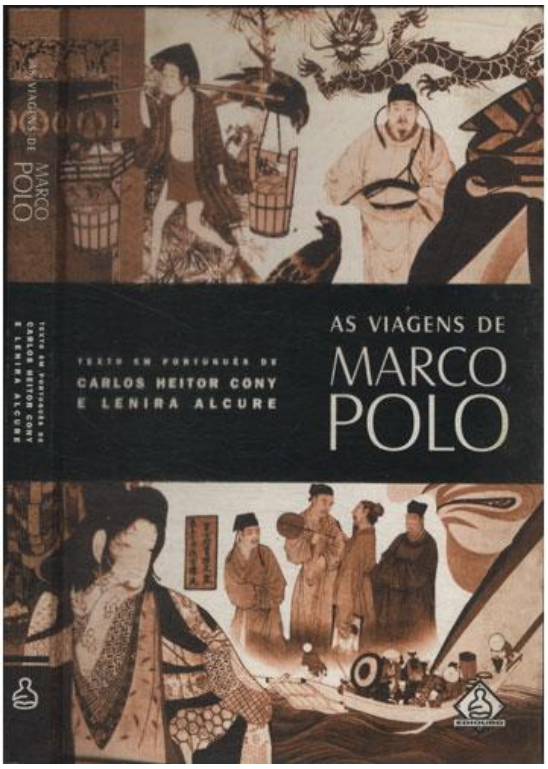
identidades? Portanto podemos dizer que os estudos pós-coloniais seriam um conjunto de pensamento preocupado com os efeitos culturais dessa visão de mundo eurocêntrica na África, na Ásia e na América Latina.

Estes estudos constataram que as culturas europeias estereotipam as culturas não ocidentais, em grande medida como forma de dominação. Basta observarmos os livros produzidos por viajantes e cientistas europeus pelo mundo não ocidental desde os primeiros contatos com outros povos. Estão todos recheados de imagens e descrições depreciativas do oriente, da África, dos indígenas. Aquilo que não é representado de maneira depreciativa, é representado pelo viés do exotismo. Livros como "Drácula", Filmes Hollywoodianos como "As mil e uma noites", descrições acerca do império Mongol e outros territórios e povos do oriente por viajantes europeus como Marco Polo.

Figura 01: **GIULIO ROSATI - *Dança do harém.*** Óleo sobre tela

Fonte: site pt.wahooart.com

Figura 02: Capa do livro “As viagens de Marco Polo” de Carlos Heitor Cony e Lenira Alcure




Acervo pessoal

Um dos principais expoentes desse pensamento pós-colonial é Edward Said, que irá denunciar estas práticas discursivas na cultura estadunidense e obras espalhadas pela Europa e assim ele irá criar a noção de orientalismo. Como aponta Sérgio Costa:

> [...] O orientalismo caracteriza, assim, um modo estabelecido e institucionalizado de produção de representações sobre uma determinada região do mundo, o qual se alimenta, se confirma e se atualiza por meio das próprias imagens e conhecimentos que (re) cria. O oriente do orientalismo, ainda que remeta, vagamente, a um lugar geográfico, expressa mais propriamente uma fronteira cultural e definidora de sentido entre um nós e um eles, no interior de uma relação que produz e reproduz o outro como inferior, ao mesmo tempo que permite definir o nós, o si mesmo, em oposição a este outro, ora representado como caricatura, ora como estereótipo, e sempre como uma síntese aglutinadora de tudo aquilo que o nós não é e nem quer ser (Costa, 2006. p. 86).

É claro que as representações sobre um lugar, um território e uma cultura serão fundamentais nas construções das identidades e dos imaginários em torno deste lugar. De acordo com Stuart Hall:

> As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a

> nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades (Hall, 2009, p. 31).

Hall argumenta a partir da obra de Benedict Anderson que acredita que as diferenças entre as nações estão na forma como elas são imaginadas. Elas são imaginadas a partir daquilo que desejam ser, dos seus elementos de identidades nacionais como a língua falada, mas principalmente a cultura compartilhada.

A cultura pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos, crenças, valores, práticas sociais, costumes, comportamentos, arte, tecnologia e modos de vida de um grupo de pessoas em um determinado período de tempo, de acordo com o antropólogo Edward Burnett Tylor (1871), a cultura em seu sentido mais amplo, é o complexo total que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

O conceito de identidade é multifacetado e pode ter diferentes significados em diferentes contextos, mas geralmente refere-se à compreensão que um indivíduo ou grupo tem de si mesmo, assim como a percepção dos outros sobre esse indivíduo. A construção de identidade possui um processo dinâmico e contínuo, por isso não são fixas e podem evoluir ao longo do tempo, influenciado por experiências, mudanças internas ou externas, sociais, culturais e contextuais.

Assim, é preciso pensar na construção da identidade e da cultura japonesa em deslocamento, a cultura e a identidade do imigrante. E para além disso, a exploração pelo mercado e indústria cultural,  desta cultura construída por meio de discursos, representações, bem como os reforços desta identidade de um povo que não está em seu território de origem, mas em outro território.

Compreendemos nesta pesquisa, orientados pelo pensamento de Hall, que as identidades e as culturas não são estáticas, elas estão sempre em movimento e constante transformação. Há elementos simbólicos que representam a cultura japonesa, e esta cultura no Brasil que discutiremos mais profundamente nos próximos capítulos. Aqui precisamos apenas compreender que, nas últimas décadas, estudiosos das identidades e da cultura, vem demonstrando que nos processos de globalização, e um contato cada vez maior entre as culturas, o que tem-se observado é um duplo movimento. O primeiro de massificação destas culturas, que pode ser entendido também como uma homogeneização de algumas identidades e culturas locais/regionais, fortemente influenciada pelo contato e imposição de culturas e

identidades advindas dos países do norte global. E em contrapartida, um movimento de valorização das culturas locais e regionais, quase que como um movimento de fortalecimento diante do medo dessa homogeneização. Este movimento pode ser observado a partir da valorização de elementos de culturas locais, como festas, expressões culturais, folclore, entre outros.

Ainda neste sentido, em suas reflexões acerca dos patrimônios culturais de um povo na contemporaneidade, Choay (2017) aponta que, a partir dos anos 60, o crescimento do turismo de massas, a cultura (especialmente os patrimônios culturais) começam a se ampliar e se moldar para o maior acesso de um público cada vez maior de visitantes. Desta forma, elementos ligados à cultura de um povo se tornam objetos de consumo pelo turismo, influenciando diretamente na forma como ele será apresentado, vivido e vendido. Este efeito pode ser um bom elemento de explicação e compreensão do que acontece com a Japan Fest, objeto de estudo desta pesquisa. Compreendemos o Japan Fest como uma manifestação cultural, carregada de símbolos daquilo que representam a cultura japonesa, agora formatada para o consumo turístico.

## 2.2 A cultura japonesa como produto turístico em eventos temáticos

Como apresentado anteriormente, a população de descendência japonesa no Brasil é uma das maiores do mundo e, com isso, os eventos culturais e a continuação de suas tradições também se mantém vivas no Brasil, mesmo estando em um país do outro lado do globo. Neste subcapítulo será exposto a diversidade de eventos que inicialmente apresentam origem da cultura japonesa e com o passar dos anos vem se modernizando e diversificando sua apresentação e organização.

Gonçalves (1998) discorre sobre a mercantilização da produção cultural e, como a cultura passa a ser feita em função de públicos, ocorre a intensificação dos objetos culturais pela criação de espaços coletivos. A autora fala sobre as chamadas cultura de massa, cultura de consumo, cultura midiática e indústrias da cultura, sendo estes conceitos sinônimos, pois possuem como referência o setor de produção, reprodução e difusão de bens e serviços culturais em série, além de serem regidos por critérios principalmente econômicos.

> A inovação e a criação original é quase sempre uma ameaça financeira a evitar - caso dos produtores independentes e suas dificuldades financeiras. Por outro lado, há penetração do capital na produção, circulação e consumo cultural. Este processo organiza-se segundo um jogo com duas lógicas contrárias: reprodutibilidade

> capitalista e raridade da obra. O trabalho cultural ao ser inserido no processo da Indústria Cultural, transforma-se em trabalho colectivo. Por isso, continua a ser valorizado segundo o ideal do criador e princípio da raridade (Gonçalves, 1998, p. 14).

Neste contexto, o primeiro evento pesquisado foi a chamada Festa do Ovo, no município de Bastos - SP. Assim como em outras regiões do Brasil, os imigrantes japoneses se reuniram em associações, para facilitar o convívio em terras brasileiras totalmente diferentes de sua terra natal, além de preservar as tradições e costumes para serem passadas às futuras gerações. A primeira associação foi criada em 1933 com o nome de *Diti-Kai*, ela promovia eventos artísticos - apresentações de teatro japonês, exposição de *ikebana*[2], realização de cultos budistas, além de eventos esportivos como apresentação de judô, kendô e jogos de beisebol (Lebrão, Hanada, Bomtempo, 2007).

Esta associação mudou de nome diversas vezes, foi chamada de *Hengo Nihonjin-Kai*, depois de *Bastos Nippaku Bunka Kiokai*, o primeiro nome em português foi Associação Nipo-Brasileira de Bastos e atualmente é Associação Cultural Esportiva Nipo Brasileira de Bastos, ou ACENBA. As atividades realizadas são: ensino do idioma japonês na escola *Bunkyo Nihon Gakko*; o *Soroban*[3]; o *Karaokê*[4]; o grupo de senhoras *Fujinkai* que promove cursos de danças folclóricas e *Bon Odori*[5], grupo este que também se apresentam durante a Festa do Ovo; e o Coral (Lebrão, Hanada, Bomtempo, 2007).

A Festa do Ovo inicialmente foi um evento para a demonstração da grande produção agro avícola do município, ela é reconhecida nacionalmente por sua exposição peculiar de ovos, seda, produtos industriais para a avicultura, atividades culturais como a Cerimônia do Chá, apresentações de canto e danças japonesas, exposição de orquídeas e *ikebanas*, shows, barracas de comidas típicas e o concurso de maior comedor de ovos. Já para os avicultores ocorre o "Concurso de Qualidade dos Ovos" todos os anos, premiando os melhores produtores do município com a entrega de prêmios e troféus. Por sua popularidade, a Festa faz parte do calendário de eventos do Estado de São Paulo desde 1969.

> Atualmente, a Festa do Ovo oferece atividades para todas as idades, diversificando seus atrativos para as pessoas de todas as faixas etárias. Para as crianças, tem o parque

[2] Ikebana é a arte japonesa de fazer arranjo de flores
[3] Soroban é o ábaco japonês, que consiste em um instrumento para cálculo, originalmente chinês, e levado para o Japão em torno de 1600 d.C.
[4] Karaokê é um tipo de entretenimento interativo geralmente oferecido em clubes e bares, em que se canta por cima de uma música gravada, com a utilização de um microfone.
[5] Bon Odori é um festival anual realizado em homenagem aos antepassados no Dia de Finados do Japão, celebrado no mês de agosto. O Bon significa espírito e respeito à memória dos antepassados e Odori são as danças simples que remetem a movimentos de trabalho rural, como colheita de arroz e escavação de minas de carvão.

> de diversões com brinquedos variados. Os jovens contam com shows artísticos, concursos e bailes. Os adultos podem apreciar o Festival da Cultura Japonesa, Feira do Verde, o Festival de Cães, visitarem a Exposição Agro-Avícola, Exposição de orquídeas, pinturas, arranjos florais (*ikebanas*), e ainda, saborear na Praça de Alimentação um verdadeiro Festival de Gastronomia, oferecendo opções que vão desde churrasco de carneiro até os mais diversos pratos da culinária japonesa e chinesa, como, yakissoba, udon, tempurá, sushi, sashimi, hapomeshi, missoshiro, entre outros, que faz muito sucesso entre os visitantes (Beltrão, Hanada, Bomtempo, p. 25).

No ano de 1954, foi montada uma comissão organizadora para participar da comemoração do 4º Centenário da cidade de São Paulo, disso nasceu no dia 17 de dezembro de 1955 a Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, instalada em uma sala alugada na Avenida Liberdade, realizando eventos públicos no Pavilhão Japonês do Parque Ibirapuera. No ano seguinte, após a festa, a comissão organizadora não foi dissolvida para que pudesse coordenar as festividades dos 50 anos da imigração japonesa em 1958 e, para isso, em 17 de novembro de 1956 é fundada a Aliança Cultural Brasil-Japão e hoje em dia é a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social que possui como missão:

> Representar a comunidade nipo-brasileira e promover a preservação e divulgação da cultura japonesa no Brasil e da brasileira no Japão, bem como incentivar e apoiar as iniciativas voltadas a esta finalidade (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social - *Bunkyo*)

A Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, ou *Bunkyo* como é chamada, é proprietária de cerca de 96% da área construída do chamado Edifício Bunkyo. Este edifício é constituído por dois auditórios, o Grande Auditório com capacidade para 1.100 pessoas e o Pequeno Auditório com capacidade para 200 pessoas; o Salão Nobre para cerimônias; três espaços de exposições; três salas de reunião e um ginásio de esportes. Todas essas instalações são utilizadas pelas comissões do Bunkyo e alugadas para terceiros.

Além disso, o Edifício também possui a secretaria do Bunkyo, a Comissão de Jovens Bunkyo, o escritório e acervo do Museu da Imigração Japonesa, a exposição permanente do Museu Histórico da Imigração Japonesa e um prédio anexo com a Biblioteca que possui mais de 60 mil volumes em seu acervo.

No ano de 2023, mais especificamente nos dias 17 e 18 de junho, aconteceu a 17ª edição do *Bunka Matsuri* - Festival da Cultura Japonesa na Sede da entidade, localizada na Rua São Joaquim, 381 no bairro da Liberdade em São Paulo. Esta edição celebrou os 115 anos da imigração japonesa no Brasil, na programação do evento ocorreu a Homenagem *Hakujusha Hyoushou*[6], reunindo imigrantes de 99 anos de idade.

[6] Hakujusha Hyoushou é uma homenagem feita pelo Bunkyo para japoneses e descendentes a partir de 99 anos.

O edifício foi utilizado para cada painel e oficinas culturais espalhadas em seus diversos espaços, além do amplo estacionamento o qual foi transformado em praça de alimentação, majoritariamente de comidas típicas, e espaço dos bazaristas, além de espaços dedicados a bem-estar com massagens, alimentação saudável, maquiagem e exposições de plantas como bonsais[7] e orquídeas.

A edição de 2023 contou com uma série de apresentações artísticas. No primeiro dia, 17 de junho, foi apresentado o painel intitulado "Preservando Nossas Raízes: A Importância do Idioma Japonês na Comunidade Nikkei" com professores convidados. Em seguida, outro painel intitulado "Aromas, Cores e Tradição: Explorando os valores nikkeis na Gastronomia e na Arte" com a artista Camila Gondo e a chef Telma Shiraishi. Neste mesmo palco aconteceu em seguida a disputa do Miss Nikkey Brasil, etapa São Paulo. Por fim ocorreu a estreia do filme "Onde as ondas quebram", dirigido por Inara Chayamiti, seguido por um debate com antropólogos e jornalistas.

No dia seguinte, o primeiro painel foi o "Do Desenho à Tinta: a imaginação japonesa dos Animes, Animações e Tatuagem"; em seguida ocorreu o Concurso de Cosplay realizado em parceria com a revista Mundo OK, tendo inscrições gratuitas e premiações em diferentes categorias. Ocorreu também shows de cantores nikkeis e apresentações de *taiko*[8].

De acordo com o site oficial do *Bunkyo*, os patrocinadores do evento foram a Fundação Kunito Miyasaka, Zion, Ston, Sakura e Editora JBC. Os apoios institucionais foram: o consulado geral do Japão em São Paulo, o Instituto Paulo Kobayashi, o Hospital Japonês Santa Cruz e a Fundação Japão. Como apoiadores estão: Café Fazenda Aliança, Nakamise, Alfa Alimentos, Kikkoman, Original Tatamis, Comissão de Jovens Bunkyo, Revista Mundo OK, Prius Ind, Thikara Sake, jornais Nippon Já e Brasil Nippon.

Além desta festa, durante todo o ano existe um calendário de eventos voltados à cultura japonesa em toda sua variedade, sendo ela gastronômica, musical, literária, através de filmes, entre outras, todas informadas pelo site oficial do Bunkyo.

---

[7] Bonsai é técnica e/ou arte, originária do Japão, de miniaturizar plantas (geralmente árvores ou arbustos), através de métodos específicos que visam manter suas características normais de proporção e morfologia.
[8] Taiko engloba uma variedade de tipos de tambores japoneses.

Figura 03: Programação do primeiro dia de *Bunka Matsuri* nas três áreas do festival

Fonte: site oficial do Bunkyo[9]

Figura 04: Programação do segundo dia de *Bunka Matsuri* nas três áreas do festival

Fonte: Site oficial do Bunkyo

No Pós-Guerra e com a retomada da emigração, as famílias japonesas organizaram a entidade *Chihouken Kaigai Iju Kazoku Kai* - Associação Regional das Famílias de Emigrantes Ultramarinos que, em 1962 foi fundada no Brasil como *Nihon Kaigai Iju Kazokukai Rengokai - Kazokukai*, a Federação Japonesa das Famílias de Emigrantes Ultramarinos. Ambas com o intuito de incentivar e apoiar os emigrantes e, com a falta de uma entidade no Brasil que coordenasse as atividades da Kazokukai, seu presidente da época Tatsuo Tanaka em sua visita ao Brasil para o 1º Congresso Nikkei Sul Americano em São Paulo em 1965, juntamente da comunidade nipo-brasileira e a recomendação do Consulado Geral do Japão em São Paulo, fundou-se a KENREN - Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil, em abril de 1966.

Inicialmente, suas atividades compreendiam na assistência aos imigrantes recém chegados, coletas de informações e paradeiros dos imigrantes, envio de descendentes que se

[9] https://www.bunkyo.org.br/br

dirigiam ao Japão como estagiários, recepção e atendimento das missões de solidariedade daqueles que visitavam seus familiares no Brasil. Atualmente, as principais atividades da KENREN foram: a construção do Memorial em Homenagem aos Imigrantes Pioneiros Falecidos localizada na zona Noroeste; a construção do Monumento do Desembarque de Imigrantes Japoneses em Santos localizada na zona Paulista e a visita aos berços da história da imigração japonesa localizada na zona Mogiana. Estas atividades se deram para a comemoração do 80º aniversário da Imigração Japonesa.

Esta Federação sedia o chamado Festival do Japão, realizado na cidade de São Paulo - SP, tendo início em 1998 como o 1º Festival de Iguarias Regionais e Folclores Regionais do Japão que ocorreu nas marquises do Parque Ibirapuera. Evento este que teve início na ocasião do 90º aniversário da Imigração Japonesa e, em 2002, foi reconhecida oficialmente pelo Estado de São Paulo.

No ano de 2023, o 24º Festival do Japão aconteceu nos dias 7, 8 e 9 de julho no São Paulo Expo Exhibition & Convention Center. Contou com shows, musicais, atrações culturais, danças típicas, culinárias tradicionais das principais províncias japonesas, exposições, workshops, cerimônia do chá e outras atividades gratuitas para todas as idades. De acordo com o site oficial da Federação, sua arrecadação auxilia a manutenção das 47 associações de províncias, os *kenjinkais* e mais 7 entidades beneficentes da comunidade nipo-brasileira, sendo um evento sem fins lucrativos produzido por mais de 15 mil voluntários.

A principais atrações foram listadas no site oficial, sendo elas: a Praça Gastronomia, com culinária de pratos regionais típicos das 47 províncias que formam o Japão; expositores com cerca de 300 empresas de diversos segmentos; cerca de 50 grupos artísticos de dança, músicas e artes japonesas, com danças folclóricas e típicas; apresentações dinâmicas com participação do público, artes marciais, esportes e danças folclóricas japonesas como o *Bon Odori*; o Akiba Cosplay, com a reunião de diversos cosplayers ao redor do Brasil; o concurso Miss Nikkey Brasil 2023 para a eleição de representação da beleza *nikkei* do Brasil; a Praça Cultural com exposições de *ikebana*, cerimônia do chá, o *chadô* e outros *workshops*; a área da criança com oficinas culturais, atividades culinárias, contação de histórias japonesas e brasileiras, esportes e recreação infantil com brincadeiras e atividades temáticas e por fim a área da terceira idade, com atividades especiais e gratuitas para o público idoso.

Os preços dos ingressos no dia 7 de julho foram de R$30,00 inteira, R$15,00 meia e após as 14 horas R$25,00 inteira e R$13,00 meia. Nos dias 8 e 9 de julho foram R$35,00 inteira, R$17,50 meia e após as 14 horas R$30,00 inteira e R$15,00 meia. Para os três dias havia o passaporte vip de R$80,00 e também o combo família, sendo ele três adultos R$80,00 no dia 7 e R$95,00 nos dias 8 e 9, ou cinco adultos R$120,00 no dia 7 e R$140,00 nos dias 8 e 9.

A realização do evento foi da Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil (KENREN) e o Governo do Estado de São Paulo, Ministério da Cidadania e Secretaria Especial da Cultura. De acordo com o site oficial da Festa, tiveram como apoio: o Consulado Geral do Japão em São Paulo, JETRO São Paulo, JICA, Fundação Japão, Japan House São Paulo, Fundação Kunito Miyasaka, Prefeitura de São Paulo, São Paulo Turismo, CET, Polícia Militar, MAFF, Ministry of the Entertainment, São Paulo Expo e GL Events. Como patrocínio foram: a Lei de Incentivo à Cultura, PROAC Programa de Ação Cultural, Sakura, Yamaha, Hinomoto, Hirota Food Supermercados, Santa Cruz, Hospital Japonês e Hospital Nipo-Brasileiro.

Como citado anteriormente, os descendentes *nikkeis* estão ao redor de todo o Brasil e suas regiões, isso não seria diferente no Sul. Um dos exemplos é a cidade de Curitiba a qual apresenta alguns festivais culturais de origem japonesa. Bahl e Murad (2009) apresentam em sua pesquisa, uma observação direta durante o *Hana Matsuri* e o *Imin Matsuri*.

De acordo com Murad (2009) os *Matsuris*[10] de Curitiba foram idealizados e criados por Cláudio Seto, falecido jornalista e artista plástico, responsável por diversas funções nos eventos. Atualmente, a organização e promoção do evento são feitas pela Associação Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba - Nikkei Clube.

O Nikkei Clube em questão, inicialmente surgiu pela necessidade de existir uma entidade por parte de jovens recém-graduados na época da União dos Gakusseis de Curitiba (UGC) e, em 1978 foi fundado o Nikkei Clube do Paraná. A partir disso, o clube foi crescendo com a criação da ala das senhoras, veteranos e adolescentes em sua estrutura, enquanto a Associação Cultural e Esportiva Uberaba precisava de crianças e jovens dedicados à preservação da cultura, assim surgiu em 31 de agosto de 1980 o Nikkei Clube de Curitiba. Caracterizada como uma organização do terceiro setor, ela não tem como objetivo o resultado

[10] Matsuri são festivais japoneses.

econômico quando se fala em realizar eventos, tendo um papel importante para a diversificação na programação da população de Curitiba.

> Conforme a lenda, após o nascimento de Buda, o mestre religioso deu sete passos nas quatro direções (Norte, Sul, Leste e Oeste) proferindo sua missão na Terra ao apontar para o céu e flores de lótus iam nascendo aos seus pés pelo caminho. É por esse motivo que a decoração do festival leva como tema as flores e o budismo. No Brasil, o Hana Matsuri também é comemorado em São Paulo, tendo em Curitiba a duração de dois dias no início do mês de Abril. O Imin Matsuri, o Festival da Imigração, que em 2009 correspondeu a sua 20ª edição, é realizado em dois dias e meio seguidos, em Junho, mês em que o primeiro grupo de imigrantes japoneses aportou no Brasil, após viagem no Kasato Maru. Por fim, o Haru Matsuri, que significa 'Festival da Primavera', também é realizado durante dois dias e meio, no mês de setembro, para reverenciar as flores e homenagear Curitiba. É realizado desde 1991, para comemorar uma cultura milenar de amor à natureza (Bahl, Murad, 2009, p. 608).

A maioria das barracas que se apresentam durante os eventos Matsuris da cidade, são as gastronômicas. Estas oferecem ao visitante a venda de pratos típicos da culinária leste asiática, o sushi, sashimi, sukiyaki, tempurá, udon, okashi, dorayaki, yakisoba, gyoza entre outros.

Os eventos possuem palcos para apresentações culturais como cerimônias, apresentações de música e dança, shows de *Karaokê, Taiko, Bon Odori e Matsuri dance* (danças com participação do público), danças típicas como o *Yosakoi Soran, Para Para*, bandas e apresentações de artes marciais. Há também as programações mais jovens, como apresentações de pop e rock japonês, cover de bandas japonesas, músicas de animes, desfiles e concursos de cosplay.

De acordo com a pesquisa de Bahl e Murad (2009), os responsáveis das barracas, exposições e apresentações são entidades de Curitiba, majoritariamente relacionadas à comunidade nikkei, de caráter esportivo, religioso, educacional e associativo. Assim, cada entidade fica responsável por uma barraca e, ao final, ocorre o repasse de um percentual das vendas totais definidas anteriormente ao Nikkei Clube.

Outra festa tradicional da cultura japonesa é o chamado *Hanami Matsuri*, ou festival das cerejeiras. A tradução de *Hanami* significa "contemplar as flores", originalmente acontece em todo o Japão durante a primavera, entre os meses de março e maio e se chama Sakura Matsuri, sendo ele um ritual para comemorar a colheita e anunciar a estação de plantação de arroz, com organização de banquetes sob as cerejeiras com saquês e diversas iguarias típicas (Fundação Butantan, 2008). No Brasil, o Hanami mais famoso é realizado no Parque do Carmo, zona leste da cidade de São Paulo e acontece desde 1978, tendo como idealizador um

imigrante japonês que trouxe várias mudas de cerejeiras do Japão assim, entre julho e agosto, mais de 4.000 árvores florescem no local.

O estudo e acompanhamento da floração de *sakuras* (cerejeiras), é o mais antigo do mundo pois acontece há mais de 1.200 anos, existem comprovações que no século IX o estudo era praticado pela elite imperial japonesa mas com o passar do tempo, se espalhou pela população e hoje em dia é encorajada pelo governo japonês e instituição ao redor do mundo (Fundação Butantan, 2008). No passado, acreditava-se na existência de deuses dentro das árvores e eram feitas oferendas aos pés delas com pedidos de sorte e boas colheitas, hoje em dia uma das principais atividades durante o festival é o piquenique sob as árvores.

Um estudo de 2004 feita por estudantes do curso de Turismo da FAEF - Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral da cidade de Garça - São Paulo, pesquisou sobre a tradição da festa das cerejeiras da mesma cidade, onde realizaram entrevistas com moradores e descendentes de imigrantes em busca de entender a história e importância da memória deste festival.

> O entrevistado coloca que as mudas chegaram com o intuito de simbolizar um presente pelo 50º aniversário do município de Garça. Na região dessa cidade, os descendentes de japoneses são numerosos, o que favoreceu a chegada da flor até aqui. Prosseguindo, ele conta, No Japão existem mais de 600 espécies de cerejeiras, mas no Brasil a que mais se adaptou é a Serrula; com nove anos de plantio, ela alcançou aqui em Garça a altura de 4 metros, enquanto que no Japão, para chegar a esse tamanho, leva, pelo menos, 30 anos. A intenção inicial era fazer um local apropriado e agradável ao lazer, assim a Associação Nipônica de Garça começou a organizar a Festa das Cerejeiras, que no começo era mais apreciada pela colônia. Teve um desenvolvimento tão espetacular, que foi inserida no calendário turístico do Estado de São Paulo, através da Lei estadual 7308/91 (Revista Científica Eletrônica Turismo da FAEF, 2004).

De acordo com o site oficial da prefeitura de Garça, em dezembro de 2022, foi aberto a licitação pública para a inscrição de empresas interessadas em trabalhar na organização do evento assim, a ganhadora do processo licitatório foi a PRODEN - Associação Garcense Pró-Desenvolvimento, credenciada a organizar o Cerejeiras Festival em 2023 e 2024. Este acordo de cooperação com a Prefeitura de Garça não prevê a transferência de recursos do poder público municipal para a realização do evento, dessa maneira, este acontece com recursos próprios, arrecadados no próprio evento e sem repasse financeiro à Prefeitura.

Existe outro festival chamado *Tanabata Matsuri* e acontece todos os anos no mês de julho, na capital de São Paulo, no bairro da Liberdade. Sua tradução é o Festival das Estrelas e comemora uma lenda ancestral japonesa. O evento apresenta barracas de comidas típicas e artesanatos, além de atrações com diversos grupos de *bunkamuras* (associações) de bairros da

cidade de São Paulo como apresentações de *taiko*, danças típicas, músicas japonesas, concurso de miss e mister nikkei (Lima, 2013).

Esta lenda conta sobre a história de amor entre a princesa Orihime e o príncipe Kengyu, os quais passavam o tempo se amando e esquecendo dos deveres de seus respectivos reinos e, por consequência, estes reinos começaram a entrar em declínio. Preocupados com essas atitudes, os deuses puniram os príncipes transformando-os em estrelas, Vega e Altair, localizadas muito distantes uma da outra, entretanto por conta da admiração e o amor profundo um pelo outro, estes mesmos deuses permitiram um encontro anual na noite conhecida como *Tanabata*, acontecendo sempre na sétima noite do sétimo mês no calendário lunar. Desta lenda, estabeleceu-se a crença de que neste dia, as pessoas escrevem seus desejos em papéis e amarram em ramos de bambu para serem queimados, acreditando que a fumaça leva os pedidos às estrelas.

Dessa forma, todos os anos na Praça da Liberdade em São Paulo, muitas pessoas, descendentes de japoneses ou não, se reúnem e escrevem seus desejos nos papéis chamados *Tanzaku*, este evento está presente no calendário de eventos da cidade de São Paulo. As informações. A Associação Cultural Assistencial da Liberdade (ACAL) e a Associação da Província de Miyagi organizam este evento desde 1979 e, de acordo com as informações da ACAL, cerca de 10 mil pessoas compareceram nos dois dias de festival em 2012 (Lima, 2013).

Com a investigação dessa diversidade de Festivais de origem da cultura japonesa, é possível perceber características parecidas de suas expressões culturais, como a culinária, as músicas e danças, mostrando assim como a cultura nikkei é forte e presente dentro de cada descendente japonês e, ao torná-lo público, também é consumido por toda a população brasileira, sendo ela descendente ou não.

# CAPÍTULO 3 - A MERCANTILIZAÇÃO DO “JAPAN FEST” EM MARÍLIA - SP

O último capítulo terá uma revisão bibliográfica sobre a população do município de Marília-SP, local onde acontece o objeto de pesquisa deste trabalho, o “Japan Fest”; a história de imigração no município e o crescimento econômico e social da população. Foi feita pesquisa através de notícias, jornais, vídeos promocionais para o levantamento de informações sobre a idealização do evento “Japan Fest”, sua história junto ao crescimento da cidade e seu reconhecimento regional. Também analisou-se os impactos do festival dentro da comunidade nikkei e da população mariliense.

Além disso, foi feita uma análise nas redes sociais oficiais do evento a partir dos comentários, opiniões e visões dos visitantes sobre o festival e relacionou essas opiniões com a superficialidade das trocas culturais que ocorrem ao longo do período em que a festividade ocorre. Com a coleta destes dados, os estudos bibliográficos e da perspectiva própria da autora como participante do festival, foi possível compreender se este consumo da cultura como uma mercadoria, no caso do “Japan Fest”, pode ou não ser benéfico para a comunidade nikkei local, além de entender a venda de estereótipos como uma forte propaganda até hoje usada em cima do considerado como “o outro”.

## 3.1 A imigração japonesa no município de Marília-SP

De acordo com informações retiradas do site oficial do governo da cidade de Marília, a colonização deste município começou a partir de 1905, junto a Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, com o intuito de realizar levantamentos das proximidades do Rio do Peixe, Feio e Tietê, para isso estabeleceram acampamento na região do Rio do Arrependido, dando início à ocupação da área.

A partir de 1915 surgiram os primeiros cafezais na região da Avenida Sampaio Vidal, pois a agricultura de café impulsionava o desenvolvimento do interior paulista na época. Em 1918, Antônio Pereira da Silva, administrador da Fazenda Cincinatina, comprou 53 alqueires de terras para criar a estrutura do Alto Cafezal e, em 1924 foi construída a Igreja Santo Antônio, desde este período, a região passou a receber um grande fluxo de imigrantes, principalmente de origem japonesa, italiana, espanhola e síria.

Em 1926, Bento de Abreu Sampaio Vidal comprou a Fazenda Cincinatina. Com a chegada da estrada de ferro, a companhia ferroviária seguia em ordem alfabética as instalações das estações e, o nome Marília surgiu a partir de sua leitura do poema do inconfidente Tomás Antônio Gonzaga "Marília de Dirceu". No ano de 1927 foi lançada a pedra fundamental para a construção da Igreja São Bento e, assim, em 4 de abril de 1929 o município de Marília nasce com o reconhecimento oficial.

Entretanto, com a crise de 1929, deu-se a proibição da plantação de novos cafezais levando os agricultores da região a diversificar a produção, assim o algodão tornou-se o produto líder, estando ligado a pequenas propriedades e com a imigração japonesa. Em 1936, o município foi o maior produtor de algodão no estado de São Paulo e já bateu recorde mundial em 1944. Neste contexto, novas indústrias chegaram à cidade, como as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo S/A e a Indústria Zilo, que se beneficiava de arroz, café, algodão e fabricação de óleo (Mourão, 1994).

Nos anos de 1970, o gênero alimentício era o maior do município, relacionado a produção de massas, balas e doces, como por exemplo o Pastifício Marília em 1948 que deu origem a Raineri Indústrias de Massas Alimentícias, a Ailiram criada na década de 1940 e foi comprada pela Nestlé em 1989, a Dori em 1967 e a Marilan S/A Indústrias e Comércio em 1957.

Neste momento de industrialização também ocorre a ascensão da indústria metalúrgica, sendo as principais, Sasazaki Indústria e Ikeda Empresarial Ltda, ambas fundadas por imigrantes japoneses no Brasil. A primeira é considerada uma das maiores produtoras de portas e janelas de aço e alumínio da América Latina e são revendidos por cerca de 5.000 pontos de vendas pelo país. A segunda divide-se em sessões: a Giragrill, sendo produtora de equipamentos e acessórios para churrasco e a Loudy, a qual projeta caixas acústicas para áudio e *home theater* e a Airon, que produz móveis *high-end* para áudio, *home theater* e decoração.

As primeiras imigrações japonesas para o município de Marília são datadas em 1930, um ano após sua instalação como município, com 273 famílias japonesas sendo que 37 delas habitavam a zona urbana e 236 a zona rural, entretanto este número aumentou gradativamente e, em 1941 já havia um total de 2.882 famílias (Vieira, 1973).

Em agosto de 1930, foi fundada uma associação denominada Marília *Nihonjin-kai* e outra em outubro do mesmo ano, a Marília *Chuo Nihonjin-kai*. Ambas possuíam o intuito de manter a cultura japonesa viva, para a manutenção de seus valores e identidades, tinham também as propostas de organizar escolas japonesas, unir todas as famílias e mediar relacionamentos entre os japoneses e os brasileiros (Kajimoto, 2016).

Essas associações eram lideradas cada uma por um chefe, entretanto a Associação Marília Nihonjin-kai tinha como um dos fundadores um okinawano e uma parte dos imigrantes de Marília carregavam um preconceito pelas pessoas de Okinawa, ocorrendo uma divisão entre os grupos. Existia assim um conflito onde havia o desejo de manter valores tradicionais, orientações sociais e culturais japonesas junto a necessidade de extensão da solidariedade com uma predisposição à mudança. Naquele período, a maioria dos japoneses enxergavam a imigração como algo temporário, por isso apenas pensavam em se adaptar em um curto período no Brasil (Kajimoto, 2016).

> Durante anos, vemos persistir difusamente a 'rivalidade entre os dois grupos', até que uma crise interna, resultante da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, colocara a necessidade de uma reorientação de todo o grupo japonês (Vieira, 1973, p. 168).

Deste modo, as duas associações marilienses se unem com o intuito de ampliar a solidariedade entre eles e, em 1932 consegue-se um acordo para a unificação. Em 1935 esta passa a ser chamada Associação Japonesa de Instrução de Marília.

O Japão fazia parte do chamado países do Eixo, composto também por Alemanha e Itália em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, ocorre assim o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e estes países do Eixo, deste modo, os imigrantes que residiam em Marília também foram prejudicados, sendo alvos de represálias e proibidos de se reunirem em grupos.

> Os japoneses das zonas pioneiras foram duramente atingidos por essas medidas, tanto mais quanto estavam economicamente e culturalmente orientados para o Japão. Viram seus depósitos bancários congelados, proibida a alienação ou oneração de seus bens imóveis, privados do apoio das casas bancárias japonesas, suas cooperativas agrícolas sob regime de interventoria e todas as empresas de capital japonês compelidas à liquidação forçada ou colocadas sob a administração do Governo Federal. Foram também fechadas as escolas japonesas e as associações nipônicas (Vieira, 1973, p. 235).

Nessa época, foi realizada uma reunião na Associação Comercial com todos os agricultores e comerciantes que faziam parte de algum dos países envolvidos na guerra, para esclarecer a proibição de todos os tipos de transações efetuadas com pagamentos em dinheiro,

todos deveriam ser em cheques nominais. Os japoneses eram obrigados a depositar a quantia no banco e só poderiam sacar o necessário para efetuar pagamento com apresentação de comprovantes, eles também não podiam falar a própria língua, reunir-se em grupos de mais de três pessoas e não podiam ouvir programas japoneses de rádio.

Após a Segunda Guerra Mundial, em 1951 a Associação e a escola foi reaberta, em 1952 foi feita a eleição para sua diretoria que permaneceu até 1960. Durante esses anos ocorreram mudanças no nome e no estatuto, como em 1954 em que passou a se chamar Associação Nipo-Brasileira de Marília e em 1959 passou a se chamar Associação Japonesa do Brasil de Marília (Kajimoto, 2016).

Por conta das imigrações, surgiram certas distinções entre os imigrantes japoneses sendo esses: os *isseis*, são da primeira geração, nascidos no Japão; os *nisseis*, da segunda geração nascidos no exterior e os *sansei*, a terceira geração. Hoje em dia no Brasil encontram-se descendentes da sexta geração, os *rokussei*, ou então *nikkei*, como um termo geral para descendentes de japoneses nascidos no Brasil. É apontado por Kajimoto (2016) que os imigrantes japoneses pós Segunda Guerra Mundial, eram discriminados pelos próprios japoneses no Brasil, pois afirmavam que a guerra modificou o "espírito japonês" o *Yamato Damashii*, pois segundo eles, a moral, mentalidade e costumes foram todas modificadas junto aos valores culturais depois da guerra. Este termo faz referência a *Yamato*, antigo nome do Japão e *Damashii*, que significa espírito e refere-se a qualidades nobres da alma, para contexto, este termo era ensinado nas escolas como educação moral e cívica, pois considerava que todos os japoneses eram descendentes de povos guerreiros e invencíveis, crença que chegou ao Brasil junto aos primeiros imigrantes com ideais extremamente nacionalistas da Era Meiji.

Após os ataques de Hiroshima e Nagasaki com as bombas atômicas, o Japão rende-se aos Estados Unidos, entretanto é importante apontar, como dito anteriormente, o fato de que muitos japoneses imigrantes no Brasil não aceitaram a derrota e rendição, dividindo assim a comunidade japonesa no Brasil entre os *Kachigumi*, vitoristas e os *Makegumi*, derrotistas.

Neste contexto, foi criada no interior de São Paulo na década de 1940, a *Shindo Renmei* (Caminho dos Súditos da liga do imperador), uma associação de caráter nacionalista e militarista, fundada pelo ex-coronel do exército japonês Junji Kikawa. Essa associação era liderada por oficiais aposentados do exército japonês que imigraram para o Brasil e era

composta majoritariamente por membros *kachigumi*, os vitoristas e seguidores fanáticos do Imperador Hirohito, sendo grande parte vindos das cidades de Tupã e Marília.

Estes membros alegavam que as autoridades brasileiras escondiam a verdade sobre a rendição do Japão aos Estado Unidos, pois a imprensa japonesa estava proibida na época, afirmando que o Japão havia vencido a guerra. Assim, iniciou-se uma guerra de japoneses contra japoneses, recrutou-se jovens fanáticos para a formação da Equipe Especial de Ataque, os *tokkotai*, que assassinaram e destruíram estabelecimentos dos chamados *makegumi*, os derrotistas. Esta associação é a única que não existe mais dentre as três que foram criadas no município de Marília.

De acordo com Vieira (1973) os imigrantes de Okinawa mantinham-se em grupos separados dos outros japoneses desde dentro dos navios em que chegaram ao Brasil, por conta dos preconceitos que sofriam dos próprios japoneses. A Imigração Okinawa no Brasil (2000), afirma que os *uchinanchu*, como é chamado o espírito okinawano, se diferencia muito de todas as províncias japonesas, uma de suas mais fortes tradições é a dança, tendo suas apresentações públicas de *Ryukyu* datadas no século XVI. A Associação Okinawa Kyokai de Marília foi fundada em 1930, sendo uma entidade filiada à Okinawa Kyokai do Brasil, que possui sede em São Paulo, entretanto foi registrada apenas em 1952 no pós guerra, pois todo o acervo documental do período anterior à guerra foram queimados e destruídos.

No ano de 1945 realizou-se uma reunião de amigos e a Associação passou a ser a Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília, a AECOM, tendo em vista a solidariedade e união dos okinawanos em busca de amparar e acolher famílias okinawanas que passam por dificuldades. Dentre as principais atividades realizadas pela AECOM, está o *Undokai*, uma gincana esportiva familiar realizada pela primeira vez em 1951 que ocorre até hoje anualmente no dia 1º de maio e tem como objetivo fazer sentir a unidade dos okinawanos e alegrar os mais velhos. Realiza-se o *Okinawa Soba*[11], pela primeira vez em 2007, além também de apresentações do grupo de *Taiko*, *Requios Geinou Doukoukai* que se apresenta desde 2006.

Em 1962, a Associação Japonesa do Brasil em Marília teve o nome alterado para Associação Cultural Nipo-Brasileira de Marília e seus objetivos passaram a ser: “promover entre os sócios o sentimento de solidariedade e defesa dos interesses de todos os sócios em geral; manter o intercâmbio entre cultura japonesa e a cultura nacional; desenvolver a

[11] Soba é um tipo de macarrão japonês.

confraternização entre os cidadãos brasileiros sem distinção racial; incrementar as atividades produtivas em geral; intensificar as atividades educacionais e instrutivas; primar pelo bem-estar da entidade" (Kajimoto, 2016).

A Associação oferecia várias atividades durante o ano, além da escola de japonês. No início do ano, era promovida a festa de *Shin-nen*, ou inauguração do Ano Novo; no dia 29 de abril comemora-se o aniversário do imperador reinante da época, a chamada festa de *Tenchosetsu*; todo o fim do mês de maio e início de junho ocorria a principal festividade que era contada como uma festa anual do município de Marília, onde acontecia a Exposição Agropecuária, com vários produtos agrícolas, a mostra de *Ikebana*, a arte do arranjo de flores, mostra de poesias *Hai-kai* e quadros e objetos de artesanato japonês; em agosto acontecia o *Undokai* e mensalmente eram exibidos filmes japoneses e, ocasionalmente, palestras e conferências em japonês. Essa associação foi o berço do hoje conhecido como Nikkey Clube.

No dia 23 de agosto de 1989 aparece a oportunidade de expandir o Clube, pois surge uma área de 12 alqueires paulistas na Zona Norte da cidade, mas não havia dinheiro para tal compra. Em uma conversa informal com o grupo de diretores da indústria Sasazaki e outras pessoas, Kenji Shimbo (presidente do Nikkey Clube da época) tem a ideia de juntar todos os presentes para a compra daquele terreno e, com o Tochimiti Sasazaki (um dos fundadores da empresa Sasazaki) presente, este aprovou a causa e começaram as doações dos associados para tal missão. Assim, foi adquirida a Sede Esportiva, localizada na Avenida Benedito Alves Delfino, com doze alqueires, cinco campos de beisebol e softbol, duas quadras de tênis, dois campos de futebol e gateball, um stand de tiro ao alvo além de alojamentos, refeitório, salão social e um pavilhão de 900m² para a realização de eventos.

Ocorreu no dia 1 de dezembro de 1991 uma Assembléia Geral Extraordinária com três entidades existentes: a Associação Cultural Nipo-Brasileira de Marília, o Esporte Clube Mariliense e a Sociedade Esportiva e Cultura de Marília. A junção dessas três entidades faz surgir a atual Associação Cultural e Esportiva Nikkey Marília, conhecida também como Nikkey Clube de Marília. Sua sede social e educacional possui 2.200 m² na Rua Paes Leme, nº 543 - *Kai Kan*, onde funciona a Escola Modelo de Língua Japonesa de Marília, além de acontecer uma diversidade de atividades culturais.

Figura 05: Fachada do Nikkey Clube Marília

Fonte: site oficial do Nikkey Clube Marília[12]

Figura 06: Exposição de Ikebana no Japan Fest

Fonte: site oficial do Nikkey Clube Marília

## 3.2 A história do "Japan Fest" e seus impactos em sua sede

Um dos eventos mais importantes realizados pelo Nikkey Clube de Marília é o Japan Fest, considerada o maior festival da cultura japonesa no interior paulista e teve seu início em 11 de abril de 2003, no Colégio Bezerra de Menezes com várias atrações, dentre elas: mostras culturais, *Bon Odori*, shows artísticos, feira de produtos artesanais, gastronômicos, comerciais e industriais, gastronomia japonesa, danças folclóricas e o concurso de beleza Miss Nikkey. A

[12] http://www.nikkeymarilia.com.br/

partir de abril de 2005, a festa passou a ser realizada no Nikkey Clube de Marília, onde acontece todos os anos no mês de abril até os dias atuais.

O festival mais antigo documentado no site oficial do Nikkey Clube foi realizado no ano de 2008 sendo ele o 6º Japan Fest. As únicas informações sobre diz que o público foi aproximadamente de 60 mil pessoas, com 15 mil na sexta-feira, 20 mil no sábado e 25 mil no domingo, a festa arrecadou 8.600 agasalhos para a Campanha do Fundo Social de Solidariedade. Na questão de infraestrutura, foram montadas 40 tendas de 10x10 metros, 5 tendas de 5x5 metros, 40 tendas de 3x3 metros e 35 espaços destinados à gastronomia.

No ano seguinte, em 2009, aconteceu a 7ª edição do Japan Fest, possui mais informações sobre, foi realizado nos dias 17, 18 e 19 de abril na sede campestre do Nikkey Clube. O presidente da festa foi Leonardo Sasazaki, o vice-presidente Carlos Nakamura, o diretor geral Keniti Mizuno, o responsável pela infraestrutura Yoshimitsu Shintaku e o diretor administrativo Ramon Ito. O ano de 2009 contou com a primeira parceria com Unimar - Universidade de Marília, na qual apresentou informações sobre seus cursos ligados ao agronegócio e demais durante a festa.

A festa contou com uma diversidade gastronômica, com pratos como o yakisoba, sushi, sashimi, tempurá e o sorvete frito, além de outras opções mais brasileiras como pastéis, espetinhos e tapioca. Nas exposições culturais tiveram o *origami*[13], *mangá*, *shodô*[14], fotos dos imigrantes pioneiros, *ikebanas*, *kimono uchikake*[15], instrumentos musicais como *koto*, *shamisen*, e *tsuzumi*, além da escultura de dois ursos com um salmão na boca, típica da região de Hokkaido no norte do Japão.

Os dois últimos festivais que aconteceram até o momento da pesquisa foram realizados nos anos de 2022 e 2023, sendo as 19ª e 20ª edições do Japan Fest, com a organização do Nikkey Clube Marília, promoção da TV Tem, realização do Governo do Estado de São Paulo através do ProAC ICMS - Programa de Ação Cultural, com a parceria do Supermercado Kawakami, Dori alimentos, Moinho Real Puro Malte Lager além do apoio da Prefeitura Municipal de Marília e das empresas privadas: Coca-Cola, Banco Bradesco, Sasazaki, Carino ingredientes, Marilan e Tauste Supermercados.

[13] Origami é a arte de dobradura em papel e é associada à cultura japonesa.
[14] Shodô é a arte da caligrafia antiga japonesa com o uso de pincel.
[15] Kimono uchikake são vestimentas utilizadas como vestidos de noivas de estilo japonês.

O ProAC ICMS é a modalidade do programa de fomento paulista que funciona por meio de patrocínios incentivados e renúncia fiscal. De acordo com o site oficial do governo:

> Para ter acesso aos recursos disponíveis, os artistas, grupos ou produtores devem submeter seus projetos à análise de uma comissão especializada, que avalia requisitos como relevância artística e adequação da proposta orçamentária. Com o projeto aprovado, o proponente pode solicitar patrocínio a empresas sediadas em São Paulo. Estas, por sua vez, recebem descontos no imposto devido, como forma de estímulo ao patrocínio. Qualquer empresa pode ser patrocinadora via ProAC ICMS, bastando ser contribuinte deste imposto e estar em dia com suas obrigações fiscais. A fim de garantir uma ampla distribuição dos recursos disponíveis, a legislação do ProAC ICMS estabelece limites máximos de captação para cada tipo de projeto, além de limitar também a quantidade de projetos por proponente. Para as empresas há, ainda, um limite máximo de valor a ser patrocinado, que varia percentualmente segundo o volume de impostos a recolher (proac.sp.gov.br, 2023).

A 19ª edição do Japan Fest aconteceu nos dias 21 ao 24 de abril de 2022, com a entrada franca e a opção de contribuir para a arrecadação de um quilo de alimento não perecível destinado ao Fundo Social de Solidariedade. Além dos atrativos gastronômicos e culturais, havia o parque de diversões, show de artistas regionais e cantores da comunidade nipo-brasileira.

Dentre as apresentações, tiveram grupos de *taiko*, dança *Bon Odori*, artes marciais, *Tai Chi Chuan*[16], o mago dos balões - Luciano Takeda, os grupos de Cosplay Friend e Grupo Sansey - ambos de Londrina, Projeto Guri com o pólo regional Marília e Ocauçu e o *Kamishibai*[17] com a Cia Koi de Arte Lins. Junto às apresentações, tiveram também oficinas de *ikebana*, *origami*, *mangá*, *oshibana*[18] e exposições de *bonsai*, além da Feira Popular do Livro de iniciativa da Prefeitura de Marília por meio da Secretaria da Cultura.

De acordo com o diretor de infraestrutura do setor de gastronomia, Akio Hidaka, a área de alimentação contou com 25 e 30 pontos entre boxes e food trucks, os quais venderam pratos tradicionais da cultura japonesa como o *yakisoba*, *okonomiyaki*, *udon*, *gyoza*, *takoyaki*, *karaage*, *sushi*, *sashimi* e outras iguarias brasileiras como o pastel, sorvete frito, cachorro quente e espetinho.

Ainda no caso da infraestrutura, o departamento do Nikkey Clube Marília contou com sete boxes, sendo eles de beisebol, ciclismo, educacional - o *Nihon Gakko,* futebol, *taiko, judô e karatê*. Tiveram outros cargos de associações, como a Okinawa, Seicho-no-Ie, Igreja

---

[16] Tai Chi Chuan é um estilo de arte marcial que envolve movimentos meditativos lentamente executados, originalmente pelos chineses, como sistema de exercícios de relaxamento e meditação.
[17] Kamishibai é um estilo de teatro de papel japonês.
[18] Oshibana é o termo japonês que se refere à técnica artística de desidratar flores e folhas.

Tenrikyo de Vera Cruz, Igreja Metodista, Famema - Faculdade de Medicina e Enfermagem de Marília, entre outras.

O fechamento da noite de quinta-feira foi feito pelo concurso de Miss Nikkey 2022 e selecionou a representante de Marília para o Miss Nikkey São Paulo, que aconteceu em julho do mesmo ano no 23º Festival do Japão, na cidade de  São Paulo.

A Comissão Organizadora tradicionalmente realiza homenagens às pessoas que representam a comunidade, de acordo com o presidente atual do Japan Fest, Keniti Mizuno, as homenagens tem como objetivo retribuir em forma de gratidão às pessoas que contribuíram não só para Marília, mas também para o país. No ano de 2022 foram homenageados o Cônsul geral do Japão em São Paulo, Ryosuke Kuwana; o presidente do Bunkyo - Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, Renato Ishikawa; o administrador de empresas Chicao Nishimura do Grupo Jacto; o ex-presidente da Liga das Associações Culturais Nipo-Brasileiras da Alta Paulista, Roberto Kawasaki e por fim, o presidente do Sindicato Rural de Bastos, Katsuhide Maki.

Figura 07: Imagem promocional da 19ª edição do Japan Fest

Fonte: instagram oficial do Japan Fest

Figura 08: Área de barracas gastronômicas do Japan Fest, 2019

Fonte: site oficial do Nikkey Clube Marília

Figura 09: Área de alimentação do Japan Fest, 2019

Fonte: site oficial do Nikkey Clube Marília

Figura 10: Lançamento promocional do Japan Fest no Marília Shopping, 2019

Fonte: site oficial do Nikkey Clube Marília

Figura 11: Área do Nikkey Clube Marília vista de cima durante o Japan Fest de 2019

Fonte: site oficial do Nikkey Clube Marília

Figura 12: Área do parque de diversões durante o Japan Fest, 2019

Fonte: site oficial do Nikkey Clube Marília

A 20ª edição do Japan Fest ocorreu no ano seguinte, em 2023, dos dias 20 a 23 de abril, os horários de abertura foram: dia 20 das 18h às 23h, dia 21 das 12h às 23h, dia 22 das 16h às 23:30 e dia 23 das 12h às 18h. A entrada foi gratuita com a opção de contribuir para a arrecadação de um quilo de alimento não perecível com destino ao Fundo Social de Solidariedade.

A cerimônia de abertura aconteceu na sexta-feira, dia 21, e contou com a presença de autoridades municipal, estadual e federal, com homenagens prestadas ao prefeito reeleito de Izumisano (cidade-irmã de Marília), Hiroyasu Chiyomatsu, o qual recebeu através de sua comitiva formada por três funcionários da cidade japonesa: Shinya Oku - superintendente de

Educação de Izumisano, Eiji Nakashita - diretor de cooperação de cidadão e Takashi Takeda - supervisor do Conselho municipal de educação.

Figura 13: Cerimônia de abertura do 20º Japan Fest com autoridades brasileiras e japonesas, 2023

Fonte: site jornalístico Nippon Já[19]

As informações da área de gastronomia foram retiradas das redes sociais oficiais do Japan Fest, onde foram postadas todas as comidas ofertadas pelas barracas da área gastronômica do festival. As comidas foram diversas entre típicas japonesas e brasileiras mais populares como: *yakissoba*, pastel, *bentô*[20], doces japoneses, raspadinha, *tempurá*, *gyoza*, *harumaki*, combinado de *tonkatsu/chicken katsu*, espetinho, *snowfall* - sorvete de neve, *bubble waffle*, bar, sorvete frito, *okonomiyaki*, *kare rice*, *calpis*, *choux cream*, batata frita, cachorro quente, coxinha de mandioca, *nikuman*, café, *karaage*, *karaage* agridoce, pipoca de frango, *hot dog* coreano, *lámen*, *sushi*, *sashimi*, salmão, *temaki*, *hot roll*, sorvete americano, *milk shake*, açaí, churros tradicional e churros *gourmet*.

As atrações também foram retiradas das redes sociais oficiais do Japan Fest, foram elas: os grupos de dança de K-pop[21] Envolve, The Girls Front e Themis; apresentação de *Judô* do Nikkey Marília; *Tai Chi Chuan*; espaço arte Milene Bertoldi; apresentação e oficina de *Kamishibai*; coral Mirim Otachi; grupo Miwa Sei Gensha; grupo Shizan de Shakuhachi; show

[19] https://nipponja.com.br
[20] Bentô ou Obentô é um tipo de marmita japonesa para uma pessoa. Um bentô tradicional contém arroz, peixe ou carne e legumes cozidos ou em conserva como acompanhamento e são servidos em bandejas próprias que possuem repartições.
[21] K-pop é um estilo de música pop de origem Sul-coreana.

da cantora sertaneja Bruna Gonçalves; apresentação do grupo de *taiko* Hibiki Wadaiko do Nikkey Marília; Hip Hop da Escola de Dança Pietra Lincah; Tottori Shan Shan Kassa Odori; Jaci Furquim e Carlota Branca; os cantores nikkeis Takeshi Nishimura e Elaine Hara; Nikkey Kids; Projeto Guri do pólo regional de Marília e a exposição e oficina do Bordanime.

O pavilhão contou também com exposições e demonstrações de bonsai do grupo Kaizuka Bonsai Club, de cerâmicas, origamis e do *ikebana*. Junto às exposições culturais, houve exposições de diversas empresas privadas. A atração do parque de diversões Vitinho Park se manteve em funcionamento durante todos os dias do evento até o dia 25 de abril, utilizando o local do Nikkey Club.

Figura 14: Imagem promocional da 20ª edição do Japan Fest

Fonte: site jornalístico Nippon Já

Figura 15: Programação da 20ª edição do Japan Fest

Fonte: site jornalístico Nippon Já

Figura 16: Apresentação do grupo de *taiko* Hibiki Wadaiko no Japan Fest

Fonte: site jornalístico Nippon Já

Figura 17: Palco principal de apresentação na 20ª edição do Japan Fest

Acervo pessoal, 2023

Figura 18: Área de alimentação na 20ª edição do Japan Fest

Acervo pessoal, 2023

Figura 19: Barracas de alimentação na 20ª edição do Japan Fest

Acervo pessoal, 2023

Figura 20: Sorvete frito

Acervo pessoal, 2023

Figura 21: Barraca de exposição de empresa privada

Acervo pessoal, 2023

Em diversos momentos durante o festival é enfatizada pelos apresentadores, sobre a importância de celebrar, divulgar e preservar a cultura japonesa, junto a sua comunidade, principalmente para os descendentes nikkeis, mas também sempre promovendo o intercâmbio cultural de Brasil-Japão. De acordo com o site jornalístico Nippon Já, o presidente do evento, Keniti Mizuno, apontou sobre acreditar que os participantes do Japan Fest levam para suas respectivas casas, valores culturais importantes no convívio e na prática diária, para isso realizou-se palestras sobre atenção à saúde e preservação da natureza. Ele afirma que conscientizaram e ensinaram um pouco sobre a cultura japonesa e deu como exemplo os valores de evitar desperdícios, da gratidão, honestidade, solidariedade e respeito à hierarquia.

Essas falas são interessantes em um viés crítico sobre como culturas são vivenciadas e se esses eventos conseguem ou não promover o intercâmbio cultural desejado, mas é importante apontar que apesar de tudo, o evento recebe grande quantidade de visitantes, em média 70 mil durante todos os dias, de acordo com o site jornalístico Nippon Já, e que esse fator também facilita a exposição e a promoção das grandes empresas apoiadoras do Japan Fest a ganhar visibilidade de um grande número de pessoas.

### 3.3 A visão dos visitantes sobre o festival: estereótipos e consumo cultural

Neste subcapítulo será feita uma análise das redes sociais oficiais do evento a partir dos comentários, opiniões e visões dos visitantes sobre o festival e relacionar essas opiniões com a superficialidade das trocas culturais que ocorrem ao longo do período em que a festividade ocorre, ainda conta com elementos etnográficos enquanto a autora como frequentadora do evento. Para isso, foi utilizado a postagem do próprio perfil oficial do Japan Fest nas redes sociais Instagram e Facebook, onde este busca o feedback sobre o evento, sendo ele a 20ª edição do Japan Fest, ou seja, a que ocorreu no ano de 2023.

Nesta postagem em questão, a organização do evento pergunta sobre o que o visitante mais gostou, o que menos gostou, a opinião sobre a estrutura física, opinião sobre o evento em geral, como organização, divulgação, alimentação e atrações e por fim, pede por ideias para o próximo evento.

Até o momento da pesquisa, a postagem do Instagram possui 19 comentários e será feita uma análise de cada um. Em 12 comentários, o evento foi elogiado; em 2 houve reclamação sobre a desorganização e/ou lotação; 2 comentários pedindo por mais atrações, um deles pedindo mais atrações asiáticas, tanto japonesas como os grupos de dança *Bon Odori* e de *taiko*, mas também pedindo por outras atrações asiáticas mas não japonesas, como um concurso de covers de k-pop de dança e canto; 2 comentários elogiando a gastronomia; 4 comentários pedindo pela mudança de data ou para o evento ocorrer mais vezes ao ano; 1 comentário pedindo por mais lojas, independente de produtos da cultura japonesa ou não.

Outros 2 comentários pertinentes para a discussão deste trabalho foram onde uma das participantes do evento pede por um concurso de Mister Nikkey, afirmando que “Tem muitos japoneses e mestiços lindos aqui. Seria inovador e um sucesso”. Tal comentário mostra a estereotipação do corpo asiático, tanto em concursos femininos do corpo asiático feminino, como também do corpo asiático masculino.

O outro comentário faz um pedido pela melhoria de uma “experiência asiática”, onde escreve que “Quando vimos a um evento desses esperamos ter uma experiência de comer, ver e comprar coisas realmente próximas com a realidade asiática, mas na prática essa experiência não aconteceu”. Algo que se faz pensar sobre o que essa experiência significa aos olhos do

ocidente e como seria ofertada este tipo de experiência de maneira a agradar o público ocidental, podemos então ter um olhar crítico nesta fala usando o pensamento de Said (1979) sobre o Orientalismo e a visão de "outro" que o Ocidente imagina sobre o Oriente, ou seja, existem características marcantes no imaginário ocidental sobre a cultura japonesa que os frequentadores de festivais como o Japan Fest esperam experienciar durante os eventos.

Até o momento da pesquisa, os comentários da postagem do Facebook possui 67 comentários que serão analisados aqui. De seu total, 22 comentários elogiaram o festival; 20 comentários reclamaram sobre a desorganização do evento tanto dentro quanto no estacionamento, a lotação e espera em longas filas e também de problemas do som; 29 pessoas comentaram sobre os preços muito altos dentro do festival, tanto da alimentação como do parque de diversões; 2 comentários tiveram opiniões negativas sobre alguns alimentos; 1 comentário pediu por mais lojas e 1 comentário pediu pela mudança de data ou mais datas do evento ao longo do ano.

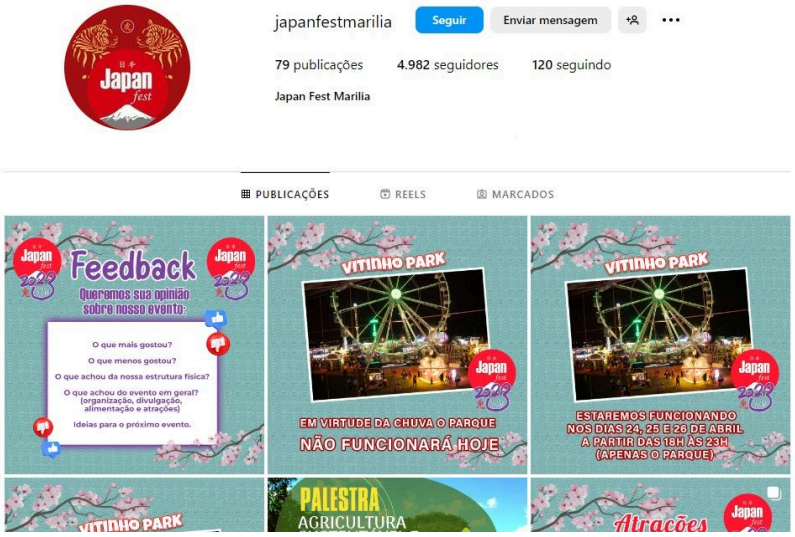
Outros comentários interessantes para a discussão do trabalho foram sobre as opiniões no quesito das atrações. Dentre eles, 5 pessoas pediram por mais atrações e uma participante em particular comenta que "Acho que as apresentações orientais em geral 'estavam bom', só as ocidentais ficaram sem nexo com o tema", mostrando assim sobre como as atrações são diversificadas e, apesar de existirem apresentações de origem asiática, também existe uma variedade de exposições também ocidentais.

Após a análise destes comentários realizados nas redes sociais oficiais do evento Japan Fest, é possível perceber uma grande quantidade de pessoas que não consegue aproveitar inteiramente o festival pela disparidade de valores para o consumo de alimentos e de lazer, principalmente no ambiente familiar, algo que afasta possíveis frequentadores e torna o evento inacessível para a maioria das pessoas de classe média ou baixa, tendo em vista que o evento possui entrada gratuita e pode ser entendida como mais acessível.

Figura 22: Página oficial do evento Japan Fest no Facebook

Fonte: @japanfestmariliasp[22]

Figura 23: Página oficial do evento Japan Fest no Instagram




Fonte: @japanfestmarilia[23]

Um dos diversos ítens em comum observado não só na propaganda visual, mas também em barracas, estandes, e decorações dentro destes eventos culturais japoneses, é o uso de elementos que remetem ao entendimento de orientalidade, ou o que se entende de oriente para a visão ocidental, como por exemplo, as flores de cerejeira, o Monte Fuji, os dragões em traços diferentes dos dragões medievais, letras do alfabeto japonês, principalmente os *kanjis*, palavras escritas em português mas com fontes que supostamente remete a algum dos

[22] https://www.facebook.com/japanfestmariliasp
[23] https://www.instagram.com/japanfestmarilia

alfabetos japonês ou chinês, representações que remetem o quadro “A grande onda de Kanagawa”, elementos do horóscopo chinês, por exemplo a representação do coelho na promoção do Japan Fest de 2023 por ser, segundo este horóscopo, o ano do coelho; elementos como a garça, os peixes-koi, bambus e também a bandeira do Japão, branca com o círculo vermelho dentro.

Todo este imaginário estético não é resultado de algo natural, mas sim uma visão estereotipada do ocidente sobre o oriente, onde essas poucas imagens resumem toda uma ampla e rica cultura, mas que acaba se minimizando para atender os olhares na venda do evento e promover a facilidade do entendimento público sobre um evento cultural, mesmo ele sendo feito de modo comercial e estereotipado. Entretanto, por causa dessa necessidade de venda e, às vezes, pela falta de senso crítico, os próprios organizadores destes eventos permanecem utilizando tais imagens e assim continuando com o imaginário de um oriente leste-asiático unificado e muito semelhante uns aos outros, ignorando suas individualidades e suas histórias.

Em um viés mais pessoal, a pesquisa conta com elementos de participantes enquanto a autora como frequentadora do evento, pois possuo experiência tanto como apresentadora de grupo musical, quanto como frequentadora e, algumas vezes, as duas ao mesmo tempo.

Sigo uma religião de origem japonesa, a *Tenrikyo*, a qual existem duas igrejas em Marília e uma Vera Cruz (cidade do estado de São Paulo próxima a Marília) e, a partir delas, existe uma banda musical infanto-juvenil da junção de crianças dessas igrejas, o chamado *Marília Paulista Koteki Band*, que apresenta músicas todo o ano no mês de abril na cidade de Bauru, onde está localizada a sede brasileira da *Tenrikyo*. Já ocorreram alguns convites pelo Japan Fest para nossa banda apresentar na época em que eu fazia parte e, ao final das apresentações, as crianças ficavam livres com seus respectivos responsáveis para aproveitar o festival.

Além de experiências na infância, também tive a oportunidade de frequentar o festival enquanto adulta e, através dessa visão, pude entender melhor os comentários feitos pelos outros frequentadores nas redes sociais oficiais do evento. Consegui ter a visão monetária, onde concordo com a maioria dos comentários de que os preços de alimentação e lazer são altos para o público de classe média e baixa, além de também relembrar da infância, pois minha família não possuía condições de pagar os parques de diversões e outros brinquedos para mim e meus irmãos.

Na questão de atrações e apresentações, possuo uma visão de que o entretenimento tornou-se mais principal que a celebração cultural. Algumas atrações são compostas sim por elementos culturais trazidos do Japão, como as danças folclóricas e apresentações musicais como o de *taiko*. Entretanto existem também as apresentações, como por exemplo o show ao vivo de música sertaneja, ou apresentações de danças de K-pop que mostram-se diferente do que se entende como cultura japonesa.

Outro fator observado como atração do evento é a premiação do chamado "Miss Nikkey", a qual tenho uma visão crítica sobre. Apesar de acreditar na celebração da beleza nikkei e amarela, também existe a fetichização de uma etnia, reforçando estereótipos não só do que se acredita ser a beleza feminina japonesa, mas também do modo de ser, da personalidade submissa de viés machista, desumanizando as mulheres japonesas e nikkeis como pessoas sem voz, de personalidades apagadas e de poucas opiniões.

Seguindo a ideia de identidade cultural e representação de cultura, mais especificamente a japonesa, podemos relacionar as questões de identidade cultural na pós-modernidade tratadas por Hall (2006) com esses eventos culturais que acontecem ao redor do Brasil. Hall argumenta que a cultura não é fixa, ela é negociada e construída em contextos específicos, sendo a imigração e a cultura nikkei uma das variações da cultura japonesa vinda do Japão, mas que se estabeleceu no Brasil, um país longe e com uma diversidade de interações culturais, resultando em um hibridismo da expressão cultural.

O conceito exposto por Hall sobre a tradição no pós-modernismo é a "tradução", o autor refere-se às pessoas que saíram de suas terras natais e formam identidades em diferentes localidades, mas sem perder os vínculos de suas origens e, uma vez sabendo que não retornarão para seu passado, passam a  negociar, assimilar ou até mesmo perderem-se por completo junto à cultura em que está inserida e essas comunidades "traduzidas" carregam traços de suas culturas originais, linguagem, histórias, religião e costumes.

Deste modo, através das análises dos festivais ao redor do Brasil e do caso estudade do Japan Fest em Marília, é possível identificar a presença de similaridades umas nas outras e entender que são o resultado de uma cultura nikkei, moldada através da assimilação e da interação de culturas brasileiras e japonesas que ocorrem desde a época das imigrações japonesas até os dias de hoje, junto a complexidade da identidade brasileira. Pode-se entender então que o sujeito pós-moderno, ainda citando Hall, não tem uma identidade fixa e permanente, ela é definida historicamente de acordo com as formas como as pessoas são

representadas ou interpeladas nos sistemas culturais que as rodeiam. Nesse contexto, é natural entender que a identidade cultural da comunidade nikkei do Brasil esteja aberta a sofrer mudanças, principalmente por estar inserida em um grupo tão grande e diverso ao redor do país.

Ao mesmo tempo em que critico a visão estereotipada ofertada pelas comissões organizadoras e consumidas pelo grande público, estes mesmos eventos culturais, se feitos visando a importância do sentimento de pertencimento do grupo étnico de nikkeis descendentes de japoneses no Brasil, podem funcionar como um fortalecimento da identidade cultural, evitando a perda de sua autoestima, do seu pertencimento e favorecendo o autoconhecimento, na medida em que entender suas raízes faz com que o ser humano se fortaleça em comunidade, preserve e tenha mais apreço à cultura e à diversidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os eventos e festivais culturais acontecem no Brasil de diversas maneiras, muito pelo fato da grande diversidade étnica e histórica da miscigenação no país, além do próprio crescimento do turismo de massas e de como a cultura se molda tornando-se objeto de consumo turístico e comercial.

Foi possível observar, a partir da análise de festivais culturais advindos da cultura japonesa ao redor do Brasil, a presença de similaridades umas nas outras e entender que são o resultado de uma cultura nikkei, que foi se moldando pela interação de culturas brasileiras e japonesas desde a época das imigrações, fato este apontado por Hall (2006) como sendo parte da característica do sujeito pós-moderno, o qual não é fixo e nem permanente, mas sim em constante mudança e de grande complexidade, principalmente quando inserido em um grande e diverso grupo como é o caso do Brasil.

Após as pesquisas bibliográficas, foi realizada a investigação qualitativa a partir de comentários deixados por frequentadores do "Japan Fest" em postagens de suas redes sociais oficiais os quais pediam pelo feedback do evento realizado em abril de 2023. Neles, foi observado uma estereotipação no que se entende por cultura japonesa, um dos comentário aponta a falta de "experiência asiática", fato este que pode ser associado ao pensamento de Said (1979) sobre o Orientalismo e a visão de "outro" construído pelo Ocidente sobre o Oriente, onde fala sobre as características marcantes do imaginário ocidental sobre uma cultura japonesa que se almeja experienciar durante os eventos culturais.

Foi percebido através das pesquisas e comparações dos eventos de cultura japonesa no Brasil. um imaginário estético em comum, como o uso da imagem de cerejeiras, das cores da bandeira japonesa, do Monte Fuji, de animais como a garça e o peixes-koi, o uso de grandes letras do alfabeto japonês ou chinês, o uso de fontes que tem o intuito de remeter a esses alfabetos, mas que estão escritos em português, entre outras imagens utilizadas.

Entretanto, este imaginário estático não foi resultado de algo natural, mas sim da visão estereotipada do ocidente sobre o oriente, onde poucas imagens resumem toda uma cultura milenar, a qual acaba sendo minimizada para atender a venda do evento e a facilidade de entendimento público sobre o evento cultural, mesmo sendo feito de maneira comercial e estereotipada.

Deste modo, por conta da necessidade de venda e, às vezes, pela falta do senso crítico dos próprios organizadores, o imaginário de um oriente leste-asiático unificado e muito semelhante uns aos outros acaba tendo continuidade, ignorando as individualidades e histórias dos diferentes países presente no leste-asiático.

No entanto, ao mesmo tempo em que critico a visão estereotipada ofertada pelas comissões organizadoras e consumidas pelo grande público, estes mesmo eventos culturais possuem o potencial de funcionar como um fortalecimento da identidade cultural nikkei, visando a importância do sentimento de pertencimento deste grupo étnico, evitando a perda de autoestima e favorecendo o autoconhecimento, ao compreender suas raízes fazendo com que o indivíduo se fortaleça em comunidade, preserve e tenha apreço à cultura e diversidade.

A partir desta pesquisa, indica-se trabalhos futuros que sejam capazes de realizar as entrevistas semi estruturadas aos idealizadores e organizadores de algum dos festivais, com o intuito de entender melhor como são realizadas as tomadas de decisões sobre todas as apresentações, seja no quesito de apresentação, ou em barracas de vendas de produtos e serviços variados. Indica-se também pesquisas capazes de alcançar um maior número de frequentadores, para traçar seu perfil e entender suas percepções sobre a cultura japonesa apresentada e os principais produtos e serviços consumidos. Esta metodologia e todos estes fatores podem ser utilizados como base para futuras pesquisas sobre eventos culturais diversos e o entendimento do público para com essa cultura.

Entretanto, não houve tempo hábil para toda a pesquisa que se almejava realizar, mostrando assim os limites teóricos e metodológicos diante a interdisciplinaridade do tema proposto.

**REFERÊNCIAS**

BAHL, Miguel; MURAD, Ivana Gaio. **Festivais Matsuris como referencial cultural e turístico da etnia japonesa em Curitiba, Paraná, Brasil.** Revista Rosa dos Ventos, 2009.

BALDASSARINI, Jéssica de Sousa. **A Importância do Município de Marília no Cenário do Centro-Oeste Paulista.** Aluna de graduação do 2º ano de Geografia. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Tecnologia, Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão I (BAE).

BUNKYO - Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/br/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE GARÇA. Notícias. Disponível em: <https://www.garca.sp.gov.br/portal/noticias>. Acesso em: 03 jan. 2024.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2017.

DAIGO, Masao. **Pequena História de Imigração Japonesa no Brasil**. Banco Real, 2008.

ENNES, Marcelo Alario. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo.** SP: Ed. UNESP, 2001.

FUNDAÇÃO BUTANTAN. **Hanami Matsuri - O Tradicional Festival das Cerejeiras.** Museu Biológico.

FERNANDES, Thais Sachie Tsuzuki. **A formação da identidade nipo-brasileira através das memórias da imigração japonesa para o Rio de Janeiro.** Dissertação de Mestrado Acadêmico em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, 2021.

GONÇALVES, Gisela. Questionamento à volta de três noções: grande cultura, cultura popular e cultura de massas. Setembro, 1998, 11 pp

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006

HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês-História de Sua Vida no Brasil.** São Paulo: Editor Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HASHIMOTO, F.; LEIKO TANNO, J; Setuyo Okamoto, M. (orgs). **Cem anos de imigração Japonesa: história, memória e arte.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

IZUMI, P.T. **Envelhecimento e etnicidade: o processo de aculturação dos imigrantes japoneses.** Dissertação de Mestrado. FFLCH. USP. São Paulo. 2010.

JAPAN FEST MARÍLIA. Instagram: @japanfestmarilia. Disponível em: <https://www.instagram.com/japanfestmarilia>. Acesso em 20 nov. 2023.

JAPAN FEST MARÍLIA. Facebook: @japanfestmariliasp. Disponível em: <https://www.facebook.com/japanfestmariliasp>. Acesso em 20 nov. 2023.

KAWAMURA, Lili. **Família, mulher e cultura - impactos da imigração para o Japão.** In IBGE Resistência e Integração – 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Rio de Janeiro. RJ 2008.

KAJIMOTO, Natacha; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; VITORIANO, Marcia Cristina Carvalho Pazin. **Informação, memória e documento: estudo sobre as associações japonesas em Marília**, São Paulo. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICI: R.Ibero-amer. Ci. Inf.), ISSN 1983-5213, Brasília, v. 10, n. 1, p. 67-85, jan./jun. 2017.

KAJIMOTO, Natacha. **Informação, Memória e Identidade: Estudo sobre as Associações Japonesas em Marília.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento. Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação. Marília - SP.

KENREN - Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil. Sobre o Kenren. Disponível em:<https://www.kenren.org.br/federacao/sobre-kenren/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

LEBRÃO, Ana Carolina Vieira; HANADA, Thais; BOMTEMPO, Denise. **A cultura japonesa e a festa do ovo como atrativo turístico para o município de Bastos - SP**. Colloquium Humanarum, v. 4, n. 2, dez. 2007, p. 19-27. DOI: 10.5747/ch.2007.v04.n2.h041.

LEVY, Maria Stella Ferreira. **O papel da migração internacional na evolução da população brasileira** (1872 a 1972). Centro de Estudos de Dinâmica Populacional (CEDI) da Faculdade de Saúde Pública da USP. São Paulo, 1974 p.50.

LIMA, Daniel Ayrton Santos. **Japoneses no Brasil: os diferentes processos migratórios em São Paulo e Amazonas**. In: XXIX Simpósio de História Nacional, 2017.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **A Industrialização do Oeste Paulista: O Caso de Marília.** 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente.

NIPPO BRASÍLIA. 24º Festival do Japão 2023. Disponível em: <https://nippobrasilia.com.br/events/24o-festival-do-japao-2023-sao-paulo-sp/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

**NIPPON JA.** Em Marília, Japan Fest terá parque de diversões, shows, gastronomia e presença do cônsul. Disponível em: <https://nipponja.com.br/em-marilia-japan-fest-tera-parque-de-diversoes-shows-gastronomia-e-presenca-do-consul/>. Acesso em: 02 jan. 2024.

**NIPPO BRASÍLIA**. 24º Festival do Japão 2023. São Paulo, SP. Disponível em: <https://nippobrasilia.com.br/events/24o-festival-do-japao-2023-sao-paulo-sp/>. Acesso em: 20 dez. 2023

**NIKKEY MARÍLIA.** Disponível em: <http://www.nikkeymarilia.com.br/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ODA, Ernani. (2008) **Interpretações da "cultura japonesa" e seus reflexos no Brasil.** Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 26 n° 75.

ODA, Ernani. (2018) **Condições estruturais do nacionalismo japonês recente.** Revista Lua Nova, São Paulo, 103: 11-38.

PEIXOTO, Flavia. **Relações Brasil-Japão: O impacto da imigração japonesa no Brasil ao longo de um século e da imigração brasileira no Japão ao longo de duas décadas.** Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília. Brasília, março de 2015.

PROAC - Programa de Ação Cultural de São Paulo. Disponível em: <http://www.proac.sp.gov.br>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SAKURAI, Célia. A imigração dos japoneses para o Brasil no pós-guerra (1950-1980). In: HASHIMOTO, F. et al. **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte.** São Paulo: UNESP, 2008

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SASAKI PINHEIRO, Elisa Massae. (2009), **Ser ou não ser japonês?.** Campinas, tese de doutorado, Unicamp.

SAID, Edward W. **ORIENTALISMO:** O Oriente como invenção do Ocidente. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2001. Tradução: Tomás Rosa Bueno. (Original publicado em 1979)

SAITO DE LIMA, Sandra Tamie. **Tanabata Matsuri: a Gestão da Comunicação do Festival das Estrelas no Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. CELACC/ECA.

SANTOS, Mauro Augusto. **A influência da dinâmica demográfica e domiciliar no processo de ocupação do Cerrado Brasileiro:** o caso do Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba, Minas Gerais, Brasil. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SANTANA, Luiz Otavio Costa. **São Gotardo - MG, um estudo sobre a presença nipo-descendente no cerrado mineiro.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Uberlândia, 2015.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Imigração japonesa no Brasil: riquezas de uma presença secular.** In: Resistência & Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Parte 4: Tradição e Modernidade

SOUZA, Bianca Gonçalves de (organizadora); CABREIRA, Maria Alda Barbosa et al. **A Tradição da Festa das Cerejeiras: Memória, Organização e Planejamento.** In: Revista Científica Eletrônica Turismo, Ano I, Edição Número 2, dezembro de 2004. Mestre em

Ciências Sociais, pela PUC/SP; Professora da Faculdade de Ciências Humanas (FAHU) da FAEF, em Garça/SP; Professora da Faculdade de Ciências Humanas da FAEF, Garça/SP – Curso de Turismo; Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista-Unesp, Marília/SP; Alunos do 2o semestre do curso de Turismo da FAEF, em Garça/SP.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. **Colônias japonesas: quistos étnicos ou espaços de identidade imigrante?** Publicado originalmente na revista eletrônica italiana *Storicamente*, 2008.

**TURISMO MARÍLIA.** Histórico. Disponível em: <https://turismo.marilia.sp.gov.br/-historico/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

TYLOR, Edward Burnett. (1871). Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom. Londres: John Murray

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. **O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília.** São Paulo, Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria. **A colônia como representação: Imigração japonesa no Brasil.** In: Cem anos de imigração Japonesa: história, memória e arte / Francisco Hashimoto, Janete Leiko Tanno, Monica Setuyo Okamoto (organizadores). São Paulo: Editora UNESP, 2008.